



UM BAILE MISTURADO:

(sobre)vivências
LGBT e negras no
Vale do Taquari

Jandiro Adriano Koch

2ª EDIÇÃO: AMPLIADA



Jandiro Adriano Koch

**UM BAILE MISTURADO:
(SOBRE)VIVÊNCIAS LGBT E
NEGRAS NO VALE DO TAQUARI**

Contatos

Jandiro Adriano Koch (Jan): jandirokoch@gmail.com

DCE: dce@univates.br — Fone: (51) 3714-7000, ramal: 5404

Foto capa: Vivências - Jandiro Adriano Koch



Coordenação e revisão final: Ivete Maria Hammes

Editoração: Glauber Röhrig e Marlon Alceu Cristófoli

Rua Avelino Talini, 171 - Bairro Universitário - Lajeado - RS - Brasil.

Fone: (51) 3714-7024 / Fone/Fax: (51) 3714-7000

E-mail: editora@univates.br / <http://www.univates.br/editora>

Ficha catalográfica

K76b Koch, Jandiro Adriano

Um baile misturado: (sobre)vivências LGBT e negras no Vale do Taquari / Jandiro Adriano Koch. 2. ed. - Lajeado : Ed. Univates, 2017.

110 p.

ISBN 978-85-8167-223-6

1. LGBT. 2. Diversidade. 3. População negra. 4. Vale do Taquari (RS). I. Koch, Jandiro Adriano. II. Título.

CDU: 316.344.7

Catálogo na publicação - Biblioteca da Univates

Esta obra é de exclusiva responsabilidade do autor.

Tiragem: 500 exemplares

Copyright: Jandiro Adriano Koch

Jandiro Adriano Koch

**UM BAILE MISTURADO:
(SOBRE)VIVÊNCIAS LGBT E
NEGRAS NO VALE DO TAQUARI**

2ª edição

 EDITORA
UNIVATES

Lajeado, 2017



DIRETÓRIO CENTRAL DE ESTUDANTES

Gestão 2017

Presidente: Luiz Fernando Martins Fonseca

1º Vice-Presidente: Lucas Eduardo Ahne

2º Vice-Presidente: Bernardo Luiz Emmendorfer Belatto

Tesoureiro: Alex Ismael Berghahn

Vice-Tesoureiro: Guilherme Moacir Engster

Secretária: Suhelen da Mota Gomez

Vice-Secretário: Felipe Tonezer Frantz

Diretor Social: Junior Cereza

Diretor Setor Cultural: Conrado Vier Schwambach

Diretor Movimento Estudantil: Renato de Britto Júnior

Diretora Políticas Educacionais: Vanessa Hentges

Diretor Setor Esportivo: Almir da Silva Oliveira

Diretora Movimentos Sociais: Alessandra da Silva Linhares

Diretora Comunicação: Ariana de Oliveira

Diretora Relacionamento Est. Curso Técnico: Nathascha dos Santos Trindade

Coordenador Diversidades: Jandiro Adriano Koch (Jan)

Coordenador Convênios: Rodrigo Müller Marques

Conselho Fiscal: Cássio Fracalossi, Lucas George Wendt, William Aguiar Gonçalves, Alexander dos Santos Silva (Suplente), Marcelo Faedo Turra (2º Suplente).



Gestão 2017

Coordenador e representante LGBTQIA:

Jandiro Adriano Koch (Jan)

Representante da diversidade religiosa:

Inauã Weirich Ribeiro

Representante da comunidade negra:

Douglas Farias

Representante das pessoas com deficiência:

Dandara Ulsenheimer

Assistência Técnica:

Priscila Rigoni

Colaboradora:

Regina Schuler

Sumário

Introdução9

Entrevistas

“Negro não tem língua?” 17

Um baile misturado 25

“O preto nunca teve nada aqui”41

Alex Cascalho, glamour, plumas e paetês: as primeiras festas gays no Vale do Taquari63

“As coisas começaram a acontecer” - O Coletivo LGBT no Vale do Taquari73

“Ser chamada de Dandara, nossa!”79

“Sem-vergonhismo, putaria, [má]influência” 85

Considerações Finais - 1ª Edição 105

Posfácio - 2ª Edição 109

Introdução

O Núcleo da Diversidade do DCE/Univates surgiu no início do ano por sugestão do presidente do Diretório Central de Estudantes da Univates (DCE). Depois de formada a equipe, que conta com seis integrantes no momento, foram feitas reuniões para decidir quais estratégias poderiam ser adotadas para que se tangenciasse a meta de representar as diversidades (o que nos colocou diante de uma controvérsia sobre quem poderia representar esses tantos outros e de que formas isso poderia ser viabilizado).

Entre os diversos trabalhos propostos, surgiu a ideia de lançar em livro a série de entrevistas com representações LGBT e negras do Vale do Taquari, material que vínhamos tornando público em um blogue. Entendemos que as conversas precisariam se tornar mais visíveis do que vinham sendo na concorrida *internet*. A essa altura, pensávamos que as ações do Núcleo deveriam dar retorno aos grupos dos quais nos dizíamos/dizemos representantes e, especialmente, às

pessoas que abriram suas residências e compartilharam suas memórias e imagens, a quem somos extremamente gratos.¹

Para que os entrevistados se reconhecessem no resultado, acreditamos que seria ideal manter a estrutura dos diálogos. Por isso, também, não esquadrimos os bate-papos para transformá-los em “outra coisa”. As transcrições “sofreram” o mínimo de intervenções, mas, por certo, as perguntas feitas, as escolhas dos interlocutores, alguns recortes e notas de rodapé mostram que, de alguma forma, acabamos nos colocando. A maioria das notas está na seção sobre os negros e isso pode ser explicado pela idade desses colaboradores, cujas recordações voltam a um tempo mais distante. Essas “reconstituições”, a nosso ver, precisam de aportes de informações complementares para amparar leitores das novas gerações.

Durante a operacionalização do projeto, fomos percebendo interessante similaridade entre os dois grupos foco. Ambos, ao longo de suas trajetórias, se afirmaram, reforçaram a autoestima e compartilharam divertimento e saberes em festas específicas. Tanto as festas para o público

1 Os negros acessados mostraram interesse em colaborar e me receberam muito bem. Apenas uma senhora, que seria entrevistada, desmarcou o encontro e não respondeu mais de forma afirmativa. Em relação ao grupo LGBT, ao menos cinco dos contatados não aceitaram ser entrevistados. Entre as razões, penso que ainda se pode falar em dificuldades que essa população sente, especialmente as gerações mais antigas, para falar sobre suas vivências. Talvez desinteresse pela militância e motivações pessoais possam ser arrolados para explicar os entraves para efetivar as parcerias. Também tive dificuldades para acessar os acervos de particulares que guardam fotos feitas em Estrela e Lajeado (recolhidas de particulares, de instituições e de estúdios fotográficos). Vários responderam de forma lacônica, o que me faz pensar na necessidade de arquivos históricos bem organizados em cada município, locais que possam salvaguardar e democratizar o acesso às informações e às fontes de pesquisa.

LGBT (festas gays) quanto as para o público negro (nos salões dos morenos) foram exclusivas para os seus por longo tempo. Não precisamos dizer (ou sim?), que cogitamos que a segregação daqueles que não se enquadravam no padrão heteronormativo e dos que eram apartados pela cor da pele, respectivamente, foram, também, causas desses “isolamentos”. Em região marcada pela colonização de alemães e de italianos, que trouxeram consigo a moralidade cristã (e suas restrições à homossexualidade), perceber as tensões, as negociações, aquilo que foi (e permanece?) velado, pode nos conduzir a melhores decisões sobre políticas públicas e relações em sociedade: essa é uma de nossas apostas e incentivos para prosseguir.

Precisamos dizer que as memórias, que se desvelam ao longo das próximas páginas, se apresentam tal qual se revelam a todos nós: indo e vindo no tempo; por vezes, nebulosas. Nenhuma dá conta de retratar o passado tal qual foi. Essa limitação é de nossa natureza. Ainda, cabe colocarmos que as lembranças de indivíduos diferentes sobre um mesmo fato podem se (re)apresentar em perspectivas diferentes. Provavelmente, as divergências vão se acentuando com o passar dos anos, passagem do tempo na qual cada indivíduo vai reelaborando o entendimento sobre o que vivenciou a partir das novas experiências e conhecimentos que vão constituindo seu estar e formas de pensar. Lidar com esse emaranhado é, ao contrário do que parece, muito agradável.

Por fim, entendemos que o presente registro é vanguarda no Vale do Taquari. Pelo formato (entrevistas “completas” em discurso direto publicadas em livro), pela temática (LGBT e população negra), pela “mistura” dos assuntos (embora possam ser agrupados pela segregação,

costumam ser tratados em separado) e, finalmente, pela opção feita pela gestão do DCE/2017, que alastra seu campo de atenção, voltando o olhar não somente para o entretenimento, no que tem certo histórico, mas para a área social. Esperamos que agrade aos entrevistados (em primeiro), que sirva de aporte para pesquisas e abordagens que – pelo efêmero tempo de vida de uma gestão do DCE: um ano – não nos foi possível. E que seja amplamente lido e debatido.

*Jandiro Adriano Koch (Jan)*²

15/06/2017

2 Cada integrante do Núcleo da Diversidade do DCE/Univates tem autonomia para apresentar projetos. Aqueles que dependem de financiamento são levados para parecer do DCE. Este livro apresenta o caminhar de apenas um desses trabalhos. As entrevistas, as transcrições e as pesquisas em material de apoio (jornais, livros, internet, fotos/imagens) ficaram ao meu encargo. Os direitos da primeira tiragem da 1ª edição foram repassados de forma gratuita ao DCE/Univates. A distribuição dos exemplares será gratuita. Os livros serão utilizados, em especial, para desenvolver atividades do Núcleo da Diversidade até o final do ano de 2017.

Entrevistas

“Negro não tem língua?”

Data: 17/03/2017

Local: Lajeado/RS

Residência do entrevistado

Jan(diro) Adriano Koch – Núcleo da Diversidade DCE Univates: [...] Olá, Carlinhos. Estás estudando alemão?

Carlinhos (Carlos Antônio da Silva): Aprendendo um pouco de alemão [...]. Acho que foi em Canudos, interiorzão, naquele tempo pertencia a Lajeado. Aconteceu um caso bem interessante sobre esse negócio de língua alemã. Como eu trabalhava na Prefeitura, eu tinha casado com uma “deutsch”, uma alemã, uma Hunemeyer, não foi difícil eu aprender umas palavrinhas. Nós tínhamos um time de futebol. O nome do time era *Mané Garrincha*. Naquele tempo, o Mané estava em alta. De manhã, a gente teve um torneio de campo. De meio-dia, uma churrasqueada [...]. Aconteceu o seguinte de meio-dia: na nossa mesa, todo mundo esperando [...]. Resolvi dar uma espiada na churrasqueira para ver o que estava acontecendo. Eles estavam em um grupo de três ou quatro pessoas. Eles falavam em alemão [...]. Eles discutiam sobre cobrar adiantado, porque “se arriscavam” a ver a “negrada” a comer e a beber e a não pagar. Eu escutei e voltei. Depois pagamos [...]. Por isso, é muito bom dar uma treinada no alemão, a gente entender.

Jan: Você nasceu onde, Carlos?

Carlinhos: Em Cruzeiro do Sul. Meus pais já são falecidos, eram também de Cruzeiro do Sul. Minha bisavó,

que faleceu com mais de cem anos, nasceu oito anos antes da Lei do Ventre Livre³. Como ela nasceu oito anos antes, ela ficou escondida, retirada da senzala. Ela foi criada no mato. Depois [...], não sei como eles fizeram, incluíram ela no grupo [dos libertos]. Minha bisavó praticamente nasceu como escrava. Eles vieram mais do “alto”, penso que vieram do lado de Encantado para cima, Nova Bréscia, lá daqueles lados [...]. Vieram parar nos morros de Cruzeiro do Sul, acho que por influência da Haenssngen⁴, porque eles prestavam serviços de corte de madeira e de pedras. A fábrica de chocolate [Haenssngen] dependia de lenha para acionar as caldeiras. Eu penso que foi isso.

Jan: Depois você veio para Lajeado...

Carlinhos: Passamos muita fome. Nós éramos em seis filhos. Meu falecido pai trabalhava cortando pedras, pedras de alicerce. Eram pedras de meio metro, pesadas. Minha mãe, que também já é falecida, prestava serviços de faxina, naquele tempo ainda existia esse serviço. E faziam serviços domésticos como limpar a roça. Naquele tempo, eu era pequeno e me lembro de ir junto. Aos onze anos, eu já estava em uma casa de família. Prestando serviços para a Alzira Lopes, que era proprietária de uma ervateira em Cruzeiro do Sul, a Erva Flávia⁵. Eu prestava serviços, lavava

3 Promulgada em 28/09/1871, a lei estabelecia que seriam livres os filhos de mulheres escravas nascidos a partir daquela data.

4 A empresa foi criada em 1895 por Frederico Germano Haenssngen e Eleonora Veeck, sua esposa. Disponível em: <<http://www.haenssngen.com.br/sobre/historia/>> Acesso em: 24/03/2017.

5 Alzira Miranda Lopes foi empresária em Cruzeiro do Sul. Assumiu a Erva Flávia S.A. Indústria e Comércio junto com o filho Alfredo em 1960. SCHIERHOLT, José Alfredo. **Cruzeiro do Sul e sua história**. Porto Alegre: Evangraf, 2010, p. 312.

calçadas, podava, capinava. Coisas que um piá podia fazer. Chamava ela de vó Alzira. Consegui estudar por causa dessa gente [...]. Depois vim para Lajeado, estudei contabilidade no Castelinho. Fui para a Univates, era a FATES. Ali ficou comprovado que a discriminação não é somente racial, ela é econômica também.

Jan: Podes comentar um pouco mais sobre isso?

Carlinhos: Na época, a gente fazia o vestibular e torcia para fazer o primeiro semestre e conseguir o crédito educativo, um financiamento. Eu acho que eu era funcionário público, ganhava uma merreca. Não tinha condições. Fazia “papagaio” [empréstimo] em um banco para pagar a FATES. Quando vencia o “papagaio”, eu ia em outro banco e tomava outro “papagaio” para pagar o anterior. Qualquer um vê que isso não funciona. Eu achei que seria o primeiro da lista [a ganhar o crédito educativo]. Lamentavelmente, não figurei. Ganharam o crédito justamente os que não precisavam [...]. Aqueles que estavam na primeira casta da sociedade. Tive que interromper, se foi.

Jan: Como veio a política? Quando você entrou nesse mundo?

Carlinhos: Meu pai era brizolista. Eu nasci em 1955. Quando eu comecei a ver alguma coisa, já era 1964, a gente estava na efervescência do golpe. Quando a gente fazia um gol, a gente não gritava “gol”, a gente gritava o nome do Brizola. E quando falávamos o nome dele, éramos reprimidos. A convite do meu amigo Erni Bagatini, que já faleceu, que era amigo do compadre Darci José Corbellini⁶, que está muito

6 Ex-prefeito e ex-vereador da cidade de Lajeado/RS.

doente, em um grupo de amigos, todos do mesmo lado [...]. Falaram várias vezes: “vai”. Conversei com a “companheirada” da vila Santo Antônio e de Conservas. Eles me elegeram [em 1982, para vereador], o terceiro mais votado. Uma excelente votação, até eu me surpreendi. Até porque, naquela época, um negro de candidato era meio complicado [...]. Tinha uns que até riam quando eu chegava para distribuir o santinho. Eu fazia minha campanha com um megafone, ia nos comícios, de casa em casa, muito diferente de hoje.

Jan: Então, ser um vereador negro no Vale do Taquari, região com forte presença de alemães, está ligado às votações obtidas em nichos específicos?

Carlinhos: Conservas, Morro 25 [...]. Esse pessoal não via distinção de cor. Não viam isso com tanta ênfase. Em outros lugares, eu percebia fortemente. Naquele tempo, Lajeado era bem maior [em extensão geográfica]. Tinha um interior que ia daqui até Boqueirão do Leão. E nós percorríamos todo o interior de Lajeado. “Fazíamos” Boqueirão do Leão, Santa Clara, imagina Santa Clara, tudo alemão, Forquetinha, Canudos, Marques de Souza, Vila Fão [...].

Jan: Quais eram as tuas pautas na Câmara?

Carlinhos: Na época, o principal era fortalecer o partido para bem representar aqueles que tinham confiado o voto na gente. Um partido forte, bem estruturado, uma bancada bem organizada [...]. Era muito claro quem era da direita e quem era da esquerda. As pessoas tinham que se definir. Hoje, com essa quantidade de partidos [...]. Acho muito ruim quando a pessoa não é quente e nem fria, mas concordo com aqueles que divergem. Fiz duas candidaturas

[Carlos também foi Secretário de Obras e Secretário da Secretaria do Trabalho, Habitação e Assistência Social – STHAS - em Lajeado]. Na terceira vez, fiquei de suplente. Procurei fazer um trabalho de conscientização na Câmara. Quando vinha o 13 de Maio, quando eu subia na tribuna [...]. Eu tinha colegas que reclamavam, que estavam cansados de ouvir, que não queriam ouvir [...]. Aquela indignação deles me dava mais ânimo para falar, porque se eles não estavam gostando do que eu estava falando, é porque era bom. Pena que não consegui fazer passar um projeto de colocar no currículo escolar a educação sobre o cidadão afro-brasileiro.

Jan: Fez o projeto?

Carlinhos: Sim. Falta muito conhecimento [...]. Às vezes, penso que se nós tivéssemos conhecimento, não teria nenhum preto gremista. Ele conheceria os estatutos do *Grêmio*, ia saber da história do Tesourinha⁷. Se o preto tivesse um pouco mais de conhecimento, não daria risada dos haitianos. Acho muito feio um preto rir, desmerecer, discriminar o haitiano. O haitiano vive a mesma coisa que aconteceu com nós, quer dizer, com nós foi até pior, porque viemos na condição de escravos, fomos caçados de dentro das tribos na África [...]. Os haitianos estão fugindo da fome [...]. São pessoas que merecem todo nosso respeito. Porque estão aqui, longe dos parentes, da língua deles. Fico pensando, eles até têm uma língua. E nós, pretos? Cadê nossa língua? Nossa língua foi literalmente arrancada. Alemão fala alemão, japonês fala japonês, o italiano fala o italiano [...]. Negro não

⁷ Osmar Fortes Barcellos (03/12/1921 – 17/06/1979). Foi jogador do *Internacional*, do *Vasco da Gama* e da seleção brasileira. Anos depois, o *Grêmio*, clube sobre o qual pesam as desconfianças de racismo por não ter contratado jogadores negros por longo tempo, o contratou.

tem língua? Os algozes da época não nos deixavam falar nossa língua, porque eles não iam entender [...]. Se tivéssemos criado uma cadeira, uma matéria escolar para falar sobre o negro, acho que nenhum negro colocaria bombacha, negro não frequentaria CTG.

Jan: Por?

Carlinhos: Quando eu vejo a História [...]. O Rio Grande do Sul fez uma guerra de dez anos. Quem estava lá na frente da Guerra dos Farrapos? Os miseráveis dos negros, de pés descalços com a taquara na mão, de peito aberto. E os generais, os “Bentos”, os caciques em cima dos cavalos gordos com umas belas de umas botas nos pés, com a arma na mão. E os da frente, os chamados lanceiros [negros], de peito aberto, com a simples promessa de que ganhariam a liberdade. Cadê a liberdade que eles ganharam? Não deram nada, deram o “cão” nos negros [...].

Jan: Os negros do Vale do Taquari chegaram a se organizar de alguma forma nessa época em que você era vereador?

Carlinhos: Essas coisas eram discutidas. Tinha um grupo de pretos. Esse grupo agia mais em função do carnaval. O carnaval ajudava a gente a trabalhar essas ideias. Mas esses grupos se formavam e, depois, a gente não conseguia manter. Os pretos [também] faziam um baile só deles lá no Parque do Imigrante, pegavam um pavilhão. Branco não entrava. Depois foi se abrindo, branco podia entrar, mas não dançava [...]. A família Nunes participava ativamente em uma ponta que tinha na igreja do bairro Montanha. No Hidráulica, Tia Moça e Tio Manoel participavam ativamente.

Jan: A situação do negro era debatida?

Carlinhos: Por que o negro ficou para trás? Por que ele ficou atrasado economicamente? Tem um histórico, tem um porquê. Não é porque ele quis. Ele não toma cachaça porque quer tomar cachaça. Ele não trabalha somente como varredor e limpador de rua porque quer limpar a rua. Tem um histórico.

Jan: E os cortes na verba para o carnaval? Como você interpreta?

Carlinhos: Penso que o carnaval tem muita coisa a ver com a cultura afro. Mas se nós tivéssemos nos organizado melhor [...]. Às vezes, a gente não deve pegar uma coisa que se dá. Lamentavelmente, o povo brasileiro, o negro, não sabe questionar. O povo não questiona. A gente aceita muito fácil as coisas. Por que o carnaval aqui no Vale foi fraco, por que os municípios tiraram a verba? Criou-se uma dependência e essa dependência escraviza [...]. Penso que é uma pegadinha. Tem que se buscar a independência econômica da festa. Não digo que o município não possa colaborar [...], pode dar incentivo como dá para a Expovale. [Que dê], também, para a cultura afro. Mas não pode ter uma dependência 100%. O gerenciamento, o caixa, a independência econômica a pessoa tem que buscar para não ficar presa.

Jan: E a política. Abandonou?

Carlinhos: A política é assim. As pessoas que entram na política se acham capazes de fazer determinadas coisas. Mas a política existe para a gente alavancar ideias. Saí em 1997. De lá para cá, vim percebendo, vem em um crescente, não se busca

mais o campo das ideias, dos ideais. A política é um balcão de negócios, mas [...] é para defender os interesses coletivos. Me elegi pelo [Bairro] Conservas e aqui na [estrada] Beira Rio não tinha um metro de calçamento. O prefeito tinha interesse em fazer salão para clube de mães, uma pracinha para o bairro dele, não sei o quê para a indústria que elegeu ele. Eu não tinha vergonha em chegar no prefeito, dizer “e aqui, como funciona?” De lá para cá, as coisas foram mudando [...]. Se existe o político corrupto, também existe o eleitor corrupto. Os votos não eram mais dados porque tinham ajudado a comunidade [...]. Isso foi descambando, eu nunca tive condições econômicas para fazer esse tipo de política. [Hoje, Carlinhos trabalha com um caminhão de fretes.]

Jan: Para terminar. E a política de cotas para negros, que tem gerado tantas discussões?

Carlinhos: Tem muita gente que é contrária. Dizem que o preto é privilegiado, mas aqueles que falam isso não conhecem a realidade. Como vamos inserir um preto se não abriremos a porta para ele entrar? Se ele tiver o mínimo de capacidade [...]. As cotas são louváveis. É um reconhecimento da nação de que andou mal com o preto, do contrário não precisaria haver cota [...]. É a única maneira que tem de o preto entrar no time e dizer que sabe jogar. Do contrário, vai ficar sentado no banco, na reserva, e nunca vai ser chamado. Lamentavelmente, eu vejo muitas pessoas que não aceitam. Mas para falar sobre o preto e sobre o que o preto tem de problema [...], só sendo preto para entender. As dificuldades são enormes.

Um baile misturado

Data: 13/05/2017

Local: Lajeado/RS

Residência dos entrevistados

Jan[diro] Adriano Koch – Núcleo da Diversidade DCE/Univates: Então, Seu Manoel, vamos começar... Onde o senhor nasceu?

Seu Manoel da Silva⁸: Nasci em Vila Sérico, na época Lajeado. Tudo pertencia a Lajeado, até Boqueirão do Leão. Com 19 anos, eu me mudei para cá. Eu vim para ali embaixo, onde é [...]. Como era o nome do velho?

Tia Moça⁹ (Enira da Silva): Alfredo? Sabe onde é a Vovolar¹⁰? Descendo um pouquinho, a primeira estradinha para dentro. Ali morava um senhor e ele casou com a filha dele. Seu Alfredo, se chamava Seu Alfredo. Ali tudo era mato. Na esquina tinha [...] umas famílias alemãs. Não existia casa para lá. Depois ele veio morar ali perto do botequim do Bussmann, depois [o botequim] foi do Mörschbacher. E do lado tinha duas casinhas para alugar. Quando ele veio da

8 Filho de José Caetano da Silva e de Generosa Antônia da Silva. Nascido em 1933.

9 Enira conta que “Moça” é apelido que tem desde pequena. João Mendes da Silva esperava que Palmira Souza tivesse um filho homem. O casal já tinha duas meninas e um menino. Nasceu mais uma menina. Avisaram ao pai: “Veio mais uma moça.” Os conhecidos de João Mendes, por sua vez, passaram a dizer “olha lá a moça do João.” E o nome acabou sendo mais conhecido do que o de batismo.

10 Rua João Pessoa, 281. Bairro Hidráulica. Lajeado/RS.

colônia, ele alugou uma daquelas casinhas e foi morar ali. Ele e o irmão dele.

Jan: E o que o senhor veio fazer na cidade?

Manoel: Comecei a trabalhar na escavação do Hidráulica. A abrir valetas. Nós abríamos 15 metros de comprimento por 80 cm de fundura. Para colocar encanamento da Corsan. Isso tudo era mato. Para lá tudo era mato. Eu e o meu irmão fazíamos.

Tia Moça: Eles tinham que abrir a principal. Que vinha ali da Corsan. Só tinha essa rua. Essa da Vovolar para baixo e essa ali para baixo. “Essas transversal” não tinha [...]. O capataz marcava tantos metros para cada um. Ele e o irmão eram uma equipe. Tinha mais dois que faziam outra equipe [...]. E quem terminava podia ir para casa.

Manoel: Nós queríamos passear. O centro de Lajeado, sabe onde era? Lá embaixo no Pindorama, no antigo Hotel Pindorama¹¹, lá para baixo. Para cima, não tinha nenhum edifício em Lajeado. O edifício que tinha era o da Rádio Independente, de dois pisos. Depois, o posto de gasolina, que era dos [...], dos Martim. Ali era de três pisos.

Tia Moça: Você é de Lajeado?

Jan: Não. De Estrela [...].

11 Conforme informações enviadas por e-mail por José Alfredo Schierholt em 06/06/2017, era um “estabelecimento hoteleiro [...] na Rua Silva Jardim, nº 352, construído no final do século XIX. O prédio quase centenário foi demolido [...]. Fundado por Constantino Fausto Chiarelli [...]” Conforme o historiador, o prédio tinha dois pavimentos, sendo os quartos no segundo andar. A construção ficava próxima à área portuária às margens do Rio Taquari. Com o passar do tempo, segundo minhas pesquisas, foi usado como rendez-vous.

Tia Moça: [...] porque naquela época, o pessoal de Estrela não se dava muito bem com o de Lajeado, sabe? Eles estavam sempre se [inaudível]. O estrelense não podia vir muito para cá.¹² Naquele tempo, tinha que atravessar com a barca. Não tinha ponte.

Manoel: A barca que tinha era aqui [apontando para o Bairro Carneiros]. Acima da passarela aqui, que passa a ponte [...]. Embarcava ali e descia para baixo.

Jan: E como o senhor começou a se envolver na organização do carnaval?

Manoel: Isso do carnaval foi assim [...]. Eu era muito metido. Eu gostava muito de divertimento [...]. [Antes disso,] eu trabalhei na Prefeitura. Depois, trabalhei na CEEE.

Tia Moça: Não, foi assim [...]. Ele quis fazer um salão de baile aqui nesse terreno [no Bairro Hidráulica]. No salão de baile, foi onde começou o carnaval.

Manoel: Não, ela quer saber como eu comecei. Ela quer saber sobre antes.

Tia Moça: Tu começou a trabalhar no Marquardt Scherer [empresa em Lajeado], em muitos lugares [...].

12 A animosidade entre os municípios é antiga e é lembrada por muitos. José Alfredo Schierholt chega a comentar que a disputa foi positiva na área desportiva, educacional e econômica, porque teria levado cada lado a buscar reconhecimento por seus esforços. Para o historiador, portanto, os embates podem ter fomentado o desenvolvimento da região. SCHIERHOLT, José Alfredo. Rivalidade entre Estrela e Lajeado. In: **Anais do I e II Simpósios “Raízes do Vale”** – 1997-1998. Lajeado: Grafocem, 2000, p. 93.

Manoel: Depois que saí da colônia, eu fui trabalhar de servente. E o primeiro lugar onde trabalhei foi ali no Edifício Lincoln [Rua Júlio de Castilhos, 619, Centro]. Trabalhei até no segundo andar. Depois do segundo andar [...]. Eu ganhava muito pouco, eu ganhava dois mil réis. Aí passou o Antoninho Pretto. Ele disse assim para mim: “Oh, negrinho!” Não podia chamar ninguém de negro. Eu desci para brigar com ele: “O que é que tu disse?”. Ele respondeu: “Moreno!” Aí eu respondi: “Então tá bom.” Isso eu me lembro como se fosse hoje. “Tu não quer vir trabalhar comigo?”, ele disse. Eu disse: “Olha, pagando mais, eu já largo aqui.” Naquele tempo, tu podia sair na hora, podia dizer “eu não quero mais” e, na hora, eles davam a Carteira [de Trabalho] assinada e tu ia embora. Não tinha esse negócio de lei. Aí eu digo: “Amanhã eu já vou para lá.” Aí eu fui trabalhar ali embaixo no Antoninho Pretto, onde tem aquele moinho. Depois, saí dali e fui para a Prefeitura. Veio o Born [prefeito Bruno Born], depois o Mário Lampert, [...] depois veio um magrinho alto, ruim, ruim. Como era o nome dele? [Dalton de Bem Stumpf?]. Depois veio o Darci Corbellini, depois veio o Erni Petry [...]. Eu tenho o retrato deles quase todos [...].¹³

Jan: Não importa se o senhor não se lembra [...]. Sei que trabalhou em vários lugares, com muitos prefeitos [...]. E

13 Listagem de prefeitos no período abordado por Seu Manoel: Bruno Born (1/12/1951-31/12/1955); Mário Lampert (31/12/1955-31/12/1959); Bruno Born (31/12/1959-31/12/1963); Dalton de Bem Stumpf (31/12/1963-31/12/1968); Darci José Corbellini (31/01/1969-31/01/1973); Alípio Hüffner (31/01/1973-31/01/1977); Darci José Corbellini (31/01/1977-31/01/1983); Erni Ilmo Petry (31/01/1983-01/01/1989). SCHIERHOLT, José Alfredo. **Lajeado I**. Lajeado: Prefeitura Municipal (editor), 1992, p. 180-213.

como achou tempo para se dedicar à área cultural? Quando o senhor criou o salão dos morenos?

Manoel: Isso do salão dos morenos [...]. Eu tinha minha casa aqui. E fui fazer essa sede de baile. Botamos o salão, eu e um amigo de Arroio do Meio. Mas não podiam se misturar [brancos e negros]. O salão tinha 10 de largura por 12 de comprimento.¹⁴ E tinha corrimão em roda. Então, os brancos entravam aqui, assim, e tinha o corrimão [...]. E os morenos podiam entrar pelo corredor e dançar. Os brancos não podiam dançar. Aí, um dia, eu disse assim: “Vou fazer um baile misturado!”

Tia Moça: [...] tinha que ir na polícia tirar licença.

Manoel: Tinha que tirar licença. E eles [conhecidos de Manoel] disseram assim: “Mas, Manoel, mas como é que tu vais fazer esse baile?” E eu disse assim: “Vou fazer misturado. Porque nós trabalhamos todos juntos dando ‘gaitada’ e rindo. Por que não podemos se misturar?”. “Quero ver!”, disse o Loreno [inaudível] e o Romeu [inaudível]. Fui tirar a licença. Cheguei lá para tirar a licença. “O que tu tá dizendo?”, disse o delegado. Eu disse: “Vou fazer um baile misturado.” Ele disse: “Quantos caixões tu tens prontos?” Eu disse para ele: “Nenhum. Eu quero que vocês me deem ‘cobertura’. O senhor me dá dois soldados para cuidar dentro do salão. E o resto para cuidar lá fora. E a condução.” Isso aqui [onde estava o salão] tudo era mato. Tinha só aquela estradinha, que ia até

14 Tia Moça recorda que tinha copa, cozinha, um palco, mesas compridas e bancos compridos. Diz que o salão era de madeira e que de um lado havia um corrimão que impedia que os brancos tivessem acesso à área de dança.

ali e voltava. Era tudo banhado. A praça [do Hidráulica] era tudo banhado.

Jan: E como foi o baile?

Manoel: Nós tínhamos o Sansão [...]. E o Amaro era meu sócio. Tinha o Guido. E nós fizemos o baile. Eu botei três [policiais] a cuidar dentro do salão. E três soldados aqui na frente. E começamos o baile. Quando foi meia-noite, lotou o salão. E à meia-noite, eu digo: “Agora o baile vai começar.” Mandei dançar tudo misturado. Minha Nossa Senhora! Quando era meia-noite, estourou o negócio. O que era sócio meu foi bater no outro. Eu entrei no meio e disse: “Briga comigo, agora.” E disse: “Pode prender esse aqui.” Era o meu colega. [...] Aí eu disse: “Agora o baile vai começar e quem achar que não dá para dançar misturado pode ir embora.” [...] Nunca mais deu desavença.¹⁵

Jan: O senhor lembra mais ou menos quando foi criado o salão?

15 Em 10/06/2017, em nova visita ao Seu Manoel e Tia Moça, pedi que recontassem a história. Seu Manoel contou que havia policiais em um camburão do lado de fora. Três estavam dentro do salão. Dois desses ele deixou tomando Guaraná na copa, enquanto o terceiro, que estava à paisana, foi convidado para iniciar a dança mista. A confusão começou por um sócio de Seu Manoel, mas ele foi preso e a noite seguiu sem outros contratemplos. Existe um registro desse relato em trabalho acadêmico em que a versão é muito semelhante: “[Seu Manoel...] conta que para realizar o feito, contatou com alguns amigos que eram membros da Brigada Militar e solicitou uma viatura no lado de fora do baile e que um policial que estava de folga e era branco começasse a dançar o baile. Como já previa, o policial foi agredido. Mas por sua experiência profissional conseguiu conter os agressores que foram presos e Manoel mandou continuar o baile.” Anjos, Gilson Luiz dos. **(Re)conhecimento e negritude:** uma questão de educação? (Dissertação) Porto Alegre: UFRGS, 2002, p. 42-43.

Manoel: Esse salão, eu estava com 23 anos mais ou menos. Eu nasci em 1933. [Antes] Tinha o salão dos morenos do Natalício¹⁶, que já tinha fechado, e o do Cesário.

Tia Moça: O salão do Natalício já tinha fechado. Era lá na ponta do Clube Tiro e Caça. E o do Cesário era do lado. Ali onde mora o Curvelo [radiologista em Lajeado]. No Hidráulica, na curva do Clube Tiro e Caça, era tudo negro [morando].

Jan: E o senhor frequentava o salão do Natalício?

16 Natalício Inocêncio dos Santos (26/12/1914-22/10/1973) foi sepultado no cemitério municipal de Lajeado, no Bairro Florestal. Em visita realizada em 19/06/2017, notei que várias sepulturas estavam sendo removidas para a construção de gavetas mortuárias. Notei que há um número alto de lápides de pessoas negras nesse local, ao contrário do que vi em outros campos-santos visitados no Vale do Taquari. Acredito que isso possa ser um dado interessante para analisar a trajetória da população afrodescendente na região. Informações dão conta de que os túmulos foram fotografados antes da remoção. O ideal seria que esse material fosse disponibilizado no acervo do Arquivo Histórico Municipal para futuras pesquisas.

Manoel: Ia lá. Dançava. Lá não tinha branco. Ali [No *Morro dos Negros*¹⁷, depois denominado Hidráulica.] chegava de dia e era aquela festa, mas não podia deixar escurecer muito porque o “pau pegava” [...].

Tia Moça: Vinha gente estranha e era isso [...]. Tinha por ali a zona da Zeferina e do lado dela tinha a casa da Paulista [zona de prostituição]¹⁸. A zona mais pobre. Lá perto da CEEE era a zona mais refinada. Nós [a família de Tia Moça] morávamos no porão do Cesário. Quando ele fazia baile, a gente tinha que dançar [...].

17 O Bairro Hidráulica foi criado oficialmente em 1985 (Lei 3658), mas sua história é bem anterior. A área foi associada aos negros há muito tempo. Na época da escravidão, os escravizados formaram a mão de obra que ergueu o engenho no local em que hoje está o Parque do Engenho, na área limítrofe do futuro bairro. Em terras não registradas nas proximidades, os negros formaram um núcleo habitacional. O local passou a ser conhecido como *Morro dos Negros*. Como não podiam frequentar os locais de socialização dos brancos, criaram os salões dos morenos. Para quem busca identificar onde, em Lajeado, eram os salões citados ao longo desse trabalho, esses foram erguidos ao lado da – hoje – Rua Lothar Felipe Christ, entre a Avenida Décio Martins Costa e a chamada “casa com teto de grama”. O salão *Treze de Maio* ficava onde hoje é a Rua Santo Inácio. Na Delegacia de Polícia de Lajeado, no Livro de Ocorrências Nº 5, há um registro sobre “desordens no ‘Baile dos Morenos’. [...] por solicitação de um cidadão que o agente [policia] desconhece, foi comunicado que no ‘baile dos morenos’, sito na zona do ‘Morro’, estavam brigando [...] ‘Sanção’, funcionário da CEEE [...]” Essa ocorrência não é referente ao caso contado por Seu Manoel. Não foi especificado o nome do salão em que aconteceu o fato. Todavia, pelo registro, conseguimos atestar a existência do salão dos morenos e a nomenclatura “Morro” sendo utilizada para o espaço geográfico ainda em 03/07/1960.

18 Em 11/06/2017, Tia Moça complementou que a casa da Zeferina era próxima do salão dos morenos do Natalício, enquanto a casa da Paulista ficava próxima ao salão dos morenos do Cesáreo.

Jan: Como era o nome do seu salão, Manoel? Era salão dos morenos?

Tia Moça: Era *Treze de Maio*. Antes de começar na CEEE, ele foi para a colônia vender as terrinhas, as plantações que ele tinha lá, para comprar esse terreno aqui. Ele comprou esse terreno. Ele falou com o Abichequer [...] para ser avalista na Caixa para ele poder construir o salão [...].

Manoel: [...] Eu tinha minha criação na colônia. Eu tinha uma junta de bois, eu tinha carroça, eu tinha uma porca com “seis leitão”, tinha galinha [...]. Não saí direto de Vila Sérico e vim para cá. Primeiro eu fui trabalhar para um colono. Eu trabalhava para ele dois dias e o resto tudo para mim. Na colônia, plantei fumo, três mil pés de fumo, arroz, feijão. Tudo eu plantava bastante [...]. A minha mãe, chorando, disse: “Tu vai sair, tu vai deixar tudo para trás, tu vai rolar o mundo, vai fazer guria de bobo.” Eu disse: “Não, mãe, a primeira guria que eu vou achar, eu vou casar.” E dito e feito.

Tia Moça: Não era eu. Ele foi casado e teve duas filhas. Nós temos quatro filhos. A gente casou em 1968.

Jan: Os seus pais ainda se lembravam da época da escravidão, de coisas que tinham ouvido falar?

Manoel: Sim. O falecido meu avô era escravo. [...] Ele era natural lá de Venâncio Aires. Mas eu nem sei onde é que ele nasceu [...]. Depois fundei uma escola de samba chamada *Treze de Maio*. Era carnaval na rua. [...] Nós tivemos a escola de samba por mais de seis anos, muito mais, acho que 10 anos.

Tia Moça: Depois ele ficou doente. O Manoel passou o *Treze de Maio* para um cara [...]. Ele [Manoel] criou o [concurso] a *Mais Bela Negra*. O baile que [hoje] é tradicional de Venâncio Aires, quem criou foi ele. [Vieram para o evento] o Paulo Santana, o Guido Moesch¹⁹ [...]. Eles eram jurados do *Mais Bela Negra*. Isso era antes do carnaval. Um baile exclusivamente feito para isso. Nós tínhamos um papel que o [prefeito] Alípio Hüffner tinha dado para nós dizendo que, enquanto nós não tivéssemos sede, o baile seria lá na FENAL²⁰. Nessa época, nós já tínhamos vendido o salão, saído daqui e ido para Santa Cruz, voltado. Aí nós soltamos de novo o carnaval de rua. O Manoel gostava muito de furdunço, sabe?

Jan: As instalações da FENAL acabaram atingidas por aquele temporal de 1967, que trouxe muitos prejuízos para Lajeado? Alguns dizem que foi um tufão, um tornado [...].

Tia Moça: A gente estava em Santa Cruz quando deu esse temporal.

19 Guido Moesch, natural de Arroio do Meio/RS, foi deputado estadual entre 1975 e 1982. MARCHAND, Jussara. **Guido Moesch:** hoje o povo trata os políticos com indiferença. Disponível em: <<http://www2.al.rs.gov.br/noticias/ExibeNoticia/tabid/5374/IdMateria/203453/default.aspx>> Acesso em: 11/06/2017.

20 A 1ª Feira Nacional de Laticínios (FENAL) aconteceu em 1966. O nome “Parque do Imigrante” passou a ser utilizado a partir de eventos em comemoração à imigração alemã e italiana feitos no local durante a gestão do prefeito Alípio Hüffner (1973-1977). SCHIERHOLT, 1992, p. 188-205.

Manoel: Nós tínhamos esse que tava na rádio, Seu Lauro Müller²¹. Ele anunciava tudo.

Tia Moça: Ele dizia assim: “Esse fim de semana, o seu Manoel tem a escolha do *Mais Bela Negra*. Seu Manoel está dizendo que o Paulo Santana, o Guido Moesch vêm para Lajeado para serem jurados - e eu [Lauro Müller] e a Lya - do *Mais Bela Negra*.” [...] O Paulo Santana tinha um programa [...] e ele disse assim: “Eu saio daqui direto para Lajeado para a escolha do *Mais Bela Negra* do Seu Manoel”. Olha, menina, eu nunca vi tanta gente naquele salão para ver esse homem [Paulo Santana].

Manoel: Achavam impossível ir lá e trazer o Antonino Fornari²² [...]. Vieram tudo. E eles queriam saber como é que eu tinha trazido esses homens. [...] Quando chegou umas 10 horas da noite, eles diziam “o Seu Paulo Santana está lá na Rádio, como é que ele vai vir aqui?” E eu quieto [...]. E eu tô lá trabalhando pra lá e pra cá. Daqui a pouco, eles disseram assim: “Tem um homem de fatiota branca que quer falar com o Seu Manoel.” Ele estava com uma Maverick vermelha. [...] Eu fui mais de carnaval e baile [...] Dava um carnaval, eu estava lá. Nós íamos para Venâncio Aires, Bom Retiro do Sul, Taquari [...].

Jan: E a ideia de fazer esse concurso surgiu como?

21 Lauro Mathias Müller (20/08/1928-11/05/1998) era casado com Lya Raya Müller (15/07/1927-01/08/2009). Ambos foram sepultados no cemitério do Bairro Hidráulica.

22 Antonino Fornari foi vereador e vice-prefeito de Arroio do Meio/RS e deputado estadual.

Tia Moça: Nós vimos na TV. Um concurso, se não me engano, naquele tempo tinha o do Chacrinha e o do Sílvio Santos [...].

Jan: A senhora nasceu em Lajeado?

Tia Moça: Nasci no município de Estrela, mas fui criada aqui. Nasci em Linha Lenz. Naquele tempo se chamava Picada Lenz. [...] Eu vim morar aqui embaixo, indo para Carneiros. Depois eu fui morar ali no Curvelo, no *Morro dos Negros*. [Antes do temporal de 1967] o pessoal já estava se dispersando dali. [...] O Oswaldo²³ já tinha ido morar no São Cristóvão, o Natalício já tinha vindo para baixo, aqui na rua do Alberto Torres [...]. Só tinha uma ou outra casa lá. Antigamente, eu era empregada, lavava, cozinava, fazia tudo. Eu me lembro que trabalhei na casa dos Born [...], lá embaixo [Bairro Praia]. Eu cozinava. Ela [dona da casa] sentava lá do lado olhando para mim fazendo a comida. E ela dizia assim para mim: “Abre lá a prateleira, que a tua comida está lá.” Um dia, eu disse para ela: “Por que essa comida lá? Se essa comida eu não fiz?” [...] Sabe o que ela fazia? Chaveava o portão para eu não sair. Eu comia pão seco para não comer aquela comida. Um dia ela disse para mim: “Pega a vianda e vai buscar a carne.” Ela abriu o portão para mim buscar carne [em um açogue nas proximidades]. Eu fui embora e não voltei mais.

23 Tia Moça está falando sobre Oswaldo Pereira dos Santos (08/09/16-26/07/1993), conhecido como “Mikimbim”, que foi proprietário de um salão dos morenos na mesma área, no *Morro dos Negros* (Bairro Hidráulica), depois de fechados os salões do Natalício e do Cesáreo. Mais tarde, Oswaldo se mudou para o Bairro São Cristóvão, local em que ainda vivem alguns de seus filhos. Segundo Rosane Pereira dos Santos Bispo, que nos autorizou a publicação de uma foto de seu pai, ele se criou na propriedade de Mário Lampert.

Tia Moça: [Enquanto mostra fotos antigas, Tia Moça comenta...] A gente não tem mais muita coisa, porque nossa casa foi queimada duas vezes. Quando nós fomos para Santa Cruz, nós vendemos o salão. Essa aí [na foto] que queimou foi a nossa casa. Era a casa daqui depois do salão.

Jan: E esses salões dos morenos foram criados pelos negros porque eles não podiam frequentar os lugares de baile dos brancos?

Tia Moça: Não, não podiam. O Bussmann, ali do lado, eles tinham feito um salão de baile. Nem na copa deixavam entrar. Só [podia] olhar da rua eles dançar lá dentro. [...] Era assim. Até há pouco tempo, era assim nos Estados Unidos. Preto numa calçada e branco na outra. [...] Eu me lembro que, quando a minha filha era professora em uma creche, um gurizinho, filho da Tina [...]. Um dia ele disse para a mãe dele comprar um sabonete, porque ele ia dar para ela [a professora] lavar toda aquela terra [que a deixava preta]. Ele achava que aquilo era uma pintura. Isso tava na cabecinha dele. [Pegaram o sabonete e pediram] para ele lavar ela. E nada de ficar branco. Aí ele secou e disse “tá bom assim” (risadas).

Manoel: Eu posso dizer para todo mundo. Levantar a cabeça. Que o racismo quem cortou [...]. Quem misturou tudo fui eu. [...] Eu disse assim: “Eu preciso de vocês que são brancos e vocês precisam de mim, que sou preto. Vocês precisam de mim que sou preto e eu preciso de vocês, que são brancos, porque eu tenho que trabalhar para vocês darem o dinheiro para mim.”

Jan: Em Estrela, também tinha um salão dos morenos [...].

Tia Moça: Primeiro tinha um, depois tinha outro. O primeiro era do velho Aprígio.²⁴ Era ali perto da Brigada Militar [Rua Coronel Brito]. Agora tá tudo muito moderno, mas antigamente tinha outro ali para cima do Aprígio, tinha

24 Depois das entrevistas e de conversas informais, notei que restou controvérsia sobre a atuação de Aprígio no salão dos morenos localizado na Rua Coronel Brito. Não existem dúvidas sobre o papel exercido (proprietário) no salão dos morenos que se localizava na Rua Coronel Müssnich, próximo à “ponte alta”, que aparecerá na sequência. Provavelmente, depois disso, Aprígio manteve um pequeno salão - em sociedade ou não - em local muito próximo a onde foi erguido outro salão dos morenos. Conhecido como *Quinze de Novembro*, esse último foi inaugurado no dia 20/02/1977, conforme noticiou o jornal *Nova Geração* (05/03/1977, p. 3), na Rua Coronel Brito, próximo à ponte do Stangler. A obra teria sido apadrinhada pelo prefeito Gabriel Mallmann, que descerrou a fita inaugural. Mallmann iniciou a construção de 300 metros quadrados e o prefeito Hélio Musskopf a concluiu. Conforme edição não paginada e impressa do “Dicionário de Estrela”, de autoria de José Alfredo Schierholt, o *Clube Quinze de Novembro* foi “fundado em 15-11-1977, foi registrado em 18-1-1978, sendo presidente José Nadir dos Santos. O objetivo era congregar os morenos e seus amigos [...]”. Nota-se que há divergências nessas datas. Alguns dos salões citados no presente trabalho foram mantidos em sociedade, alguns passaram por vários proprietários, provável razão das discordâncias. Depois de algum tempo de atividade, o *Quinze de Novembro* acabou sendo utilizado como sede para um “sopão” popular. Depois disso, abrigou a marcenaria da Prefeitura, que continua em atividade no mesmo lugar até hoje. O que se sabe é que Aprígio acabou perdendo o último salão de sua propriedade e, tempos depois, foi para Porto Alegre, onde faleceu. Ele era casado com Fredolina Cardoso (02/10/1918-11/02/1988), conhecida como “Pedra” (Pêdra), sepultada no Cemitério Católico de Estrela.

um canal [...]²⁵. Antes da Estrada da Produção [BR-386] aparecer ali. Ali tinha outro salão de baile.

Jan: E a escola *Acadêmicos da Alegria*²⁶? Foi fundada depois que vocês voltaram de Santa Cruz do Sul?

Tia Moça: É. Porque nós passamos a *Treze de Maio* para outra pessoa²⁷. Porque quando o Manoel “estourou” o tendão de Aquiles, ele teve que ficar um ano parado [...].

Jan: Não tinha gay no carnaval daquela época?

25 Provavelmente, Tia Moça está se lembrando do salão do Palmário. Conforme me contou Olmiro José dos Santos (Entrevistado em 17/06/2017. Nasceu em 1942. Natural de Estrela/RS.), conhecido como Mirinho, Palmário foi proprietário de um salão dos morenos na esquina da Rua Coronel Brito com a Rua Piauí, Bairro dos Estados, próximo da BR-386. Esse salão teria pertencido a outras pessoas antes de ser adquirido por Palmário. Mirinho também recorda de um salão dos morenos na Linha São Jacó, que teria sido de propriedade do “Mimoso” (Idalino Francisco Rodrigues). Desse salão, ouvi falar pela primeira vez pela Maristela Mörschbacher, que teria ouvido sobre esse espaço em conversas com o pai Adalberto Mörschbacher. Pai e filha residem em São Jacó, interior de Estrela/RS. O salão do “Mimoso” ficava próximo à cascata que tem nessa localidade. Durante minhas pesquisas, também com a ajuda de Maristela Mörschbacher, ainda identifiquei o salão dos morenos de Ruberval José Correia, conhecido como *Salão do Rubem*[ns], que ficava na Rua Trajano Ribeiro de Moraes, nº 499, em Bom Retiro do Sul. Conversei rapidamente com Duarte e Odete, filhos de Ruberval, que residem bem perto de onde era o salão, mas eles não tinham registro fotográfico do local.

26 Seu Manoel aparece em reportagem na qual consta como diretor da *Acadêmicos da Alegria*. **O Informativo do Vale**, 10/02/1994, p. 5.

27 Matéria de 19/11/1992 informa que a sociedade estava sendo reativada por Miro da Silva Alves, conhecido como “Branca”. O novo presidente planejava criar uma sede própria com quadras esportivas e salão de baile. SOCIEDADE 13 de maio será reativada. **O Informativo do Vale:** Lajeado, 19/11/1992, p. 4. “Branca”, apesar do apelido, era negro. Já é falecido.

Tia Moça: Tinha, tinha, sempre tinha. Sempre tinha um que outro. Mas a gente não sabia o que que era. Muita gente era, mas não se mostravam... O falecido Fl [...], que morava aqui na esquina. Era casado, tinha filho. Ele era gay. O que é que tem? Não tem nada a ver. Naquela época, eles casavam porque os pais obrigavam. Tinha o França [...]. Não tem essa história [de preconceito...], Deus fez isso para eles.

“O preto nunca teve nada aqui”

Data: 15/05/2017

Local: Estrela/RS

Residência do entrevistado

Salabico (Laumir Barbosa)²⁸: Trabalha em Lajeado? Eu me lembro de ti lá do INPS [...].²⁹

Jan[diro] Adriano Koch – Núcleo da Diversidade DCE/Univates: Eu trabalho em Lajeado [...]. Bom, eu gostaria de perguntar coisas lá do início da tua vida. Tens um tempinho? Você nasceu em que lugar?

Salabico: Nascido e criado em Estrela. Meus pais eram daqui. Comecei a trabalhar como servente de pedreiro em construção, em obras. A minha vida foi começar mesmo com engraxar de sapatos, carregar de malas. No centro [da cidade]. Eu levava lenha, naquele tempo não existia fogão a gás. A gente fazia o que aparecia, cortava grama, entregava jornal. Meu pai trabalhou na Polar, a minha mãe trabalhou de faxineira. Como lavadeira no rio [Taquari]. Ela começou

28 Filho de Petronila Barbosa. Nasceu em 02/03/1942.

29 Trabalhei muitos anos na Prefeitura Municipal de Estrela. No início, como almoxarife na *Garagem da Prefeitura*, nome pelo qual era conhecido o Parque de Máquinas. Fui transferido para a Secretaria da Saúde, onde trabalhei na dispensação de medicamentos e, em seguida, no Serviço de Assistência Especializada em DST, HIV/Aids (SAE). O período de dispensador de medicamentos na pequena farmácia, então localizada onde hoje fica o Prédio do INSS, na Avenida Rio Branco, me tornou conhecido por grande número de pessoas que acessavam o serviço da rede pública de saúde.

no Posto de Saúde.³⁰ Quatro horas da manhã, eu saía junto com ela. Ela fazia a mamadeira para as crianças. Ela levava em uma cestinha de arame. Ali iam seis mamadeiras. Todas as crianças que nasciam no hospital ganhavam uma mamadeira. [...] Ela fazia o leite grau um, dois ou três [...]. Dali eu saía e ia para a Polar. Lá eu pegava gelo e levava para os fregueses. Não tinha geladeira que nem hoje. Tinha vinte fregueses. Ganhava quinhentos réis de um [...]. Desde os oito anos [...], trabalhava porque, naquele tempo, só tinha isso aí para a gurizada. Estrela estava começando. Tinha obra e obra e obra. [...] Eu e ela [apontando para a esposa Noêmia] trabalhamos. As mães eram guerreiras, ajudavam os maridos, lavavam roupa, não tinha essas facilidades de hoje.

Jan: Onde era esse hospital?

Salabico: O hospital era ali onde está aquele prédio. Na frente da praça [central]. Ali era o Posto de Saúde.

Jan: Você chegou a frequentar a escola?

Salabico: Eu fui na escola. Até o terceiro ano.

Jan: Como você começou a jogar futebol?

30 Na sequência, Salabico relembra de um período em que o Posto de Higiene [Saúde] estava instalado ao lado da praça Benjamin Constant. A transferência para esse prédio aconteceu em 1943, conforme podemos ler nos registros de Rudolfo Maria Rath. Salabico também comentou sobre os trabalhos da Legião Brasileira de Assistência (LBA). Segundo Rath, existia uma cozinha dietética no Posto de Higiene (07/11/1943). Provavelmente, esses serviços ou assemelhados se estenderam no tempo. A construção não existe mais. No local, existe um prédio residencial erguido em meio a controvérsias. SCHINCKE, Werner (Org.). **Perfis de Estrela:** Rudolfo Maria Rath (obra póstuma). Lajeado: Editora da Univates: 2012, p. 243-261.

Salabico: Comecei jogando na várzea. Estrela ia até Poço das Antas. Tudo lá era Estrela. Linha Schmidt, Paissandu. Hoje, Westfália é para lá. Lá a gente ia, fazia excursão. Em Estrela, tinha uns quatro ou cinco times. Era time amador. Tinha o time do Alfredo Raspão³¹, olha se isso é nome, o *Botafogo*. Moreno, ele gostava de futebol. Ele levava nós. Todo o domingo tinha ônibus. Se não tinha ônibus, tinha kombi para levar o pessoal. Nós íamos até de caminhão de carga, um banco atravessado no meio da carroceria. Naquele tempo, não tinha esse negócio de multa, essas “coisaradas” todas. Nós íamos com chuva, com vento ou sol. Nós gostávamos de fazer isso. [Depois do jogo em um domingo a gente...] já estava contando com o outro, que vinha no domingo que vem. Já estávamos escutando a Rádio Alto Taquari para saber os resultados dos jogos que tinham passado, para saber do jogo seguinte.

Jan: Tinha algum tipo de campeonato regional?

Salabico: Depois começaram a fazer o campeonato regional. Naquele tempo [antes do campeonato] era tudo amador, depois começou a andar. Aí que foi a perdição. Quando o campeonato começou a criar esse tipo de coisa, foi se perdendo aquela graça. Não era mais um futebol do “ia se queria”. Às vezes, [naquele outro tempo,] eu fui jogar com dois pés esquerdos, eu não tinha chuteira. Não tinha chuteira. O Alfredo Raspão – já existia o *Estrela Futebol Clube*³² – ia

31 Alfredo [da] Silva, segundo Olmiro José dos Santos (Mirinho). Alfredo teria batizado o time que coordenava com o nome de *Botafogo* por ser torcedor dessa agremiação.

32 Fundado em 16/11/1931 por Pedro Mörschbacher, que se tornou seu primeiro presidente, entre outros. CANTON, Olides. **Estrela Futebol Clube:** histórias e memórias. Porto Alegre: EST Edições, 2005, p. 11.

lá, arrecadava um saco de chuteira velha. Vinha tudo quanto é pé de chuteira: rasgado, furado, dois pés direitos. A gente escolhia o que tinha de melhor. Era tudo bonito. Porque o futebol, no interior, tinha jogador bom, tinha jogador melhor do que hoje.

Jan: E tu chegou a jogar profissionalmente, certo?

Salabico: Cheguei a entrar. Eu fiquei anos no *Estrela Futebol Clube*³³, que tem o campo ali perto da Brigada Militar. [...] No tempo do meu pai, o campo de futebol era onde hoje é o IMEC [supermercado].³⁴ Ali tinha um presídio [cadeia] e um campo de futebol. Eu jogava junto com os presos. Tu vê como é que era. Os presos eram liberados para jogar futebol na hora de tomar o sol. Nós íamos lá jogar com eles. Tudo misturado. Não tinha essa maldade que tem hoje. Eu comecei a ficar reconhecido. Tinha eu e o meu irmão. Nós éramos em três irmãos, eu, o Moacir e o Célio.

Jan: E os três jogavam?

Salabico: Os três, porque meu pai jogava. O meu pai foi profissional por anos no *Estrela*. Ele jogou em Lajeado. Meu pai era bom, chegou a ir para o *Internacional*. Na época

33 Em entrevista feita em 2009, Salabico disse que começou a jogar profissionalmente - a convite de Eugênio Noll - em 1973. "Jogava de ruim para pior", disse para o entrevistador. SANTOS, Jônatas dos. É brabo, é brabo, é brabo... *Nova Geração*, Estrela, 19/06/2009, p. 03.

34 O campinho ao qual Salabico se refere ficava nas proximidades da cadeia municipal e de uma espécie de posto da Brigada, construções um pouco acima de onde é o IMEC hoje. Não é o campo conhecido como "Baixada", que ficava em área alugada de propriedade de Mathias Ruschel Sobrinho, próximo ao depósito da Cervejaria-Polar, do qual existem imagens no livro de Olides Canton. CANTON, 2005, p. 11.

dos “eucaliptos”, ele jogou lá. Hélio Barbosa [Elico]³⁵. Foi mais longe que nós. Meu irmão também, o Moacir, jogava mais do que eu. [...] Fiquei dois anos em Lajeado no *São José*. [...] Eu gostava era de jogar em Estrela. O cara “enterra o umbigo” aí na cidade de Estrela, é difícil de sair.

Jan: Na época, tinha muito jogador negro nos times de futebol locais?

Salabico: Ihhhh! No futebol era tudo junto. Nunca tive problema. [...] Eu não me envolvia. Lajeado era um bom lugar para jogar também. Eu trabalhei lá. Lá tinha serviço. A gente ia onde tinha serviço. Trabalhei como pedreiro lá. Ganhei dinheiro lá. [...] Tudo para eles era a mesma coisa, eu e meus irmãos e meus amigos. Era [tudo] “gente fina”. [...] Tinha rivalidade entre Estrela e Lajeado, era clássico no Alto Taquari.³⁶ Aí o bicho pegava.

Jan: Se bem que, por esse tempo, ainda tinham os “salões dos morenos”, lugares em que negros faziam festas para negros porque não podiam frequentar os espaços dos brancos. Tu lembra disso? Onde ficavam? Quem eram os proprietários?

35 Uma foto de Elico pode ser vista na obra de Olides Canton, em que aparece com outros jogadores no campo da “Baixada”. A foto é de 1944. CANTON, 2005, p. 32. Rudolfo Maria Rath registrou, em 16/01/1945, que “atendendo a chamado do Sport Clube Internacional, seguiu para a Capital do Estado, o jovem Helio Barbosa, ‘Elico’, jogador do Estrela Futebol Clube. Considerado um dos melhores ‘ponta-esquerda’ da região [...]”. SCHINCKE, 2012, p. 203.

36 Alto Taquari é a nomenclatura com a qual era reconhecida a área que hoje se denomina Vale do Taquari. FALEIRO, Silvana Rossetti. **Lendo memórias:** 40 anos de Ensino Superior no Vale do Taquari e a construção do regional – História da Univates. Lajeado: Editora da Univates, 2009, p. 15.

Salabico: Lembro. O primeiro salão dos morenos, aqui em Estrela, era onde hoje ficam as Tintas Renner, perto do Posto do Gringo [área central da cidade, na esquina da Rua Coronel Müssnich com a Rua Borges de Medeiros]. Ali perto da casa do Hélio Musskopf, sobe aquele morrinho [...]. O dono era o Seu Aristides³⁷. Conheci [o Seu Aristides]. O meu pai e minha mãe iam fazer bailão lá.

Jan: Vocês frequentavam esse lugar porque não podiam entrar na Soges e em outras sociedades dos alemães?

Salabico: Não, preto não entrava [na Soges]. O branco não deixava. No salão dos morenos, o branco podia entrar, sim, mas não para dançar. Eles [os brancos] iam jantar lá, porque faziam uma janta boa. O peixe com mel – escabeche – era “o canal”. E enchia, porque quem trazia o dinheiro eram os brancos.³⁸ Esse salão era do Aristides. Depois de anos, o salão mudou. Mudou de dono. Quem pegou daí foi o Aprígio [Cardoso]. Ele fez lá onde hoje é a Loja Princesa. Uma construção de madeira também. Ali foi anos e anos. Era o pai de criação dela [apontando para a esposa].

37 Esse salão foi registrado por Lothar Hessel, que diz “[...] o pessoal de cor tinha suas descontrações no Salão do Aristides, onde os pretos não deixavam passar em branco sua data máxima, 13 de maio (hoje contestada em certos círculos de cor), não desprezando mesmo um churrasquinho comunitário, como o atesta a terceira foto da página 87 do Álbum do Cincoentenário.” HESSEL, Lothar. **O município de Estrela: história e crônica**. Porto Alegre: EST Edições, 2004, p. 157. Adonis Valdir Fauth me confirmou que o salão foi adquirido em leilão judicial por seus familiares. Eugênio Alfredo Fauth, seu pai, reformou a construção em 1951, quando passou a servir de residência para a família. Não encontrei fotos.

38 Interessante colocação para refletir sobre a condição econômica dos negros no Vale do Taquari gerações após abolição da escravatura. Libertados, mas não compensados pelos vários anos de trabalho escravo, como deram seqüência as suas vidas?

Jan: Foi no salão dos morenos do Seu Aprígio que o senhor conheceu a esposa?

Salabico: Nós nos criamos juntos. Nós brincamos juntos. Depois o salão mudou para a Chacrinha, ali onde agora está a marcenaria da prefeitura [Rua Coronel Brito], em frente a onde está Destak [loja de materiais de construção]. O Aprígio deixava entrar brancos. Depois deixaram [a Soges]. A gente chegou a frequentar a Soges. Nós íamos na Soges e na Rio Branco [...].³⁹

Jan: Como funcionavam esses salões?

Salabico: [A esposa de Salabico era filha adotiva de Aprígio Cardoso. Nascida em 1947, disse que tinha uns 15 ou 16 anos quando o pai fechou o salão dos morenos.] Bailão mesmo tinha data. Uma vez por mês. Tinha baile azul, vermelho, cor de rosa, de chita. Se era rosa, era todo mundo de rosa. Se não ia com essa cor, não entrava. Era bonito. Tinha música ao vivo, orquestra. Vinha gente de fora, lotava. Vinha a redondeza toda, Bom Retiro, Taquari, Lajeado [...]. Vinham de ônibus. Eu não dançava, eu não gostava. Eu gostava da música ao vivo. Tocavam sax, era bonito.

Jan: E como você começou a organizar o carnaval?

Salabico: Fazia tudo junto. Trabalhava, jogava futebol. Criei a escola do samba *Alegria do Samba* ou *Só*

39 Olmiro José dos Santos (Mirinho) lembra que na Sociedade Rio Branco também havia restrição aos negros, sendo que ele foi o primeiro negro a ser sócio.

Alegria [pensando]²⁴⁰ A gente pegava as pessoas do salão dos morenos e fazia “arrastão” pela cidade. Quem queria entrar, entrava. “Tudo misturado”. Tinha outros blocos em Estrela. Tinha carnaval na Soges e na Rio Branco. Eu era mestre-sala e ela [a esposa] era porta-bandeira. [...] Aqui em casa, na época de carnaval, a casa era lotada. Faziam fantasia, as costureiras. Era muito bom. Tinha [a escolha da] *Rainha do Carnaval*.⁴¹

Jan: Lembro-me de ter perguntado para o Seu Manoel e para a Tia Moça, em Lajeado, sobre os concursos de beleza que eles promoveram. Eles contaram que lá os concursos eram disputados somente por mulheres negras. E aqui?

Salabico: Era para negro. Sempre foi para negro. No salão dos morenos, se escolhia somente pretos.

Jan: E você ficou nessa função foi até quando?

Salabico: Faz pouco tempo que nós paramos. Uns quatro ou cinco anos. Terminou o desfile de rua. Dentro do salão, só ficar lá pulando “Oh, jardineira, porque estás tão

40 *Mensageiros da Alegria?* O jornal *A Região*, em 07/03/1987, p. 09, estampou “Mensageiros da Alegria – Campeão”. A notícia foi ilustrada com duas fotos da escola. Em uma delas, o casal (Salabico e Noêmia) em destaque. A legenda diz: “O brilho acompanhou a porta-bandeira e o mestre-sala”. Na outra imagem, “Uma das alas da escola Mensageiros da Alegria”. Vencedora do *Carnaval Regional de Rua* em Taquari/RS (27/02), “brindando sua torcida de Estrela, no domingo à noite os Mensageiros da Alegria fizeram o Desfile da Vitória, desde a Rua Germano Hasslocher até a Sociedade Rio Branco, durante mais de uma hora e meia, com milhares de assistentes”.

41 Em 2009, Salabico comentou que foram bicampeões na Sociedade Rio Branco. Entre os enredos que levaram para a rua estavam *Explode Coração*, *Raça Negra* e *Luxo do Lixo*. Segundo colocou na época, teria desistido do carnaval porque tudo se tornou caro. SANTOS, Jônatas dos. É brabo, é brabo, é brabo... *Nova Geração*, Estrela, 19/06/2009, p. 03.

triste?”, eu não gostava. Na rua, nós nem dormíamos. Era direto. Onde tinha, a escola ia: Santa Cruz, São Sebastião do Cai, Taquari, Bom Retiro do Sul. Lá [em Bom Retiro do Sul] ainda hoje tem. Tão ainda desfilando. Lá tem escola bonita ainda hoje. É porque [A esposa conclui: “É porque lá os morenos são unidos.”].

Jan: E quando você resolveu se candidatar a vereador?

Salabico: A coisa foi popularizando e aí [...]. A coisa da política eu não queria muito. Mas aí [diziam] “vamos, negão”. Foi na época do Gabriel [Mallmann].⁴² Esse foi prefeito. Não sei se vai ter outro igual a ele. O “pai dos pobres” era ele. [...] Eu fiz noventa e poucos votos [A esposa comenta que foram mais de cem.]. Olha quantos anos tem Estrela. Nunca teve um vereador preto na Câmara de Estrela. Nunca teve. Eu já falei nisso. Na época em que eu fui candidato, cinco a seis pretos [...].⁴³ Eu falava nos comícios: “Não precisa ser eu”. Tinha mais candidatos negros: a Bete, o Nezinho, o Mamão. Tinha mais gente.

Jan: E você achava importante ter uma representação negra na Câmara de Vereadores? Para fazer o quê?

Salabico: Para ter uma “cabeça” lá. Para pedir um pouco. O preto nunca teve nada aqui. Uma sociedade, um lugar para o negro. Uma coisa que não fosse particular [se refere aos salões dos morenos], onde a gente pudesse ter recursos. Uma sociedade sempre tem mais recursos para

42 Prefeito de Estrela/RS por duas vezes: 31/01/1973-31/01/1977; 01/02/1983-31/12/1988.

43 Nas eleições de 1982, candidato pelo PDS, Laumir Barbosa obteve 60 votos. **O Informativo do Vale**, 10/12/1982, p. 10-11.

adquirir as coisas. [...] Se tiver um lá em cima, no poder, a coisa anda. Eu fui candidato duas vezes [...].

Jan: E esse teu apelido – Salabico - surgiu da onde?

Salabico: Veio por causa do servente que era lá do interior de Lajeado, de Campo Branco, um tal de Horácio, um gringo. Vinham dois de lá: o Décio e ele. Eu trabalhava de servente na construção do Osvaldo Arenhardt. Seu Osvaldo já é falecido. Ali tem o Costa [empresa Sabão Costa?] hoje. Onde morava a Hirtenkauf [Dinah?]. Ele não sabia dizer “salpico”, a gente salpicava massa na parede. Eu tinha o quê? Oito anos, eu acho. Eu ficava na caixa da massa com areia e cimento. [...] Sempre tinha que ter um mexendo com a colher. E aí, o cara não sabia dizer “salpico”. “Salabico”, ele dizia. Aí foi [...]. Desde os oito anos, eu tenho esse apelido. E aí eu coloquei o pano na cabeça para que não caísse o respingo na cabeça. E [a bandana] ficou como marca [...].

Jan: Teve uma banda também?

Salabico: A *Nuvem Negra*. Nós tínhamos músicos, instrumentos. Nós criamos a banda. Fizemos barulho. A gente fechava a rua da Chacrinha [Rua Coronel Brito] e ali tocávamos o dia inteiro. Era uma festa para o povão. A gente tocava por amor à camiseta. Na cidade não tinha nada. Ficava lotado. Nós tínhamos músicos bons. Eles tocavam de tudo. A banda acabou porque nossos filhos se casaram nessa festa. Os músicos foram morrendo, só tem um vivo. O Marciano, que mora em Lajeado. [A esposa comenta: “Nós íamos tocar para o povão. A zona fechava e as mulheres iam todas para lá. Nunca deu uma briga, porque eles nos respeitavam. As gurias, as meninas, todas misturadas com as mulheres da zona ...].

Nós nunca tivemos preconceito, porque a cabeça é de cada um. Eles fechavam todos os cabarés [...]. Essas festas terminaram faz uns três a quatro anos.⁴⁴ [...] Nós não ganhávamos nada. Nós ganhávamos trinta “pila” e repartíamos os trinta “pila”. Nós éramos entre dez, doze. E dividíamos os trinta “pila”. Porque sozinho a gente não faz nada. Nós não queríamos aquilo para ganhar dinheiro, nós queríamos viver. Tá fazendo falta essa diversão. Onde é que o povo pode se divertir aqui?

Jan: Houve algum tempo em que o racismo era mais visível na cidade?

Salabico: [Antigamente, só trabalhavam três negros na cervejaria Polar...] o Elico [pai do Salabico], o Lampião e o tio Tato.

Jan: E era complicado trabalhar lá?

44 Em entrevista em 2009, Salabico disse que tinha os instrumentos musicais em sua casa, “esperando por um violinista e um vocal para tocar novamente.” Assim, talvez, a data de encerramento das atividades tenha sido anterior ao período mencionado. SANTOS, Jônatas dos. É brabo, é brabo, é brabo... **Nova Geração**, Estrela, 19/06/2009, p. 03.

Salabico: Era complicado, porque lá tinha racismo. Tinha racismo. O diretor era o velho Arnaldo Diehl. Foi na época em que o racismo funcionava ainda [...].⁴⁵

Jan: Você viu a Rua da Praia, os barranqueiros?⁴⁶

Salabico: Era bonito. Sou da época em que tinha três gasolinas aqui em Estrela, os barcos que iam e voltavam: A Eliseu, a Serro Branco e a Dita. [...] Uma vinha e outra voltava. [...] Estrela eu conheço “dente por dente”.

45 Conforme Mirinho, já citado em outras notas de rodapé, os negros viveram um tempo complicado quando chegou um funcionário vindo de uma região da Europa, provavelmente da Alemanha, na década de 1950. Ficou célebre uma frase desse senhor, que teria repetido: “Neger na minha fabrik, não!” (“Negro na minha fábrica, não!”). A versão de que os negros sofriam preconceito na cervejaria Polar é contestada por alguns alemães que exerceram altos cargos na empresa, que dizem que esse relato passou a ser feito por algumas pessoas depois de desentendimentos que tiveram com as chefias da empresa. Assim, a motivação inicial não seria preconceito racial, mas problemas no trabalho. Mirinho disse que esse senhor, por fim, acabou menos radical. E que chegou a contratá-lo para diversos serviços depois que o conheceu. Questionei Mirinho sobre racismo nos tempos idos e ele disse que os estrelenses “não gostavam muito da raça [...]”. A gente sentia na carne. O pessoal não era muito dos morenos [...].”

46 Para maiores informações sobre a Rua da Praia, em Estrela, ver a obra de Cristiane Schneider. SCHNEIDER, Cristiane. **Garimpando memórias:** o processo de desocupação dos barranqueiros da Rua da Praia no município de Estrela/RS na década de 1960. Lajeado: Editora da Univates, 2016.



Carlos Antônio da Silva (Carlinhos). Nas eleições de 1982, fez 410 votos. Foi "a surpresa das eleições em Lajeado", conforme matéria de *O Informativo do Vale*, 10/12/1982, p. 6-8. Acervo do entrevistado.

Carlinhos quer mais atenção para as vilas

O vereador do PDT, Carlinhos A. da Silva vem se destacando, desde que assumiu seu mandato de vereador, como um defensor das vilas que cercam a cidade, especialmente do bairro Conservas e também do bairro Moinhos.

Ele reconhece e inclusive congratula-se com a secretaria de Obras que realizou alguns serviços no bairro Conservas, especialmente uma rua que atravessa o bairro D. Bosco até a RS 130. Mas ele não se considera satisfeito, porque aquele trabalho não ficou concluído, faltando 100 metros no morro da vila Tiradentes, que segundo ele é justamente o mais crítico, onde praticamente nenhum veículo consegue subir. Ele espera que o secretário de Obras, que prometeu realizar as obras, cumpra a promessa.

Carlinhos também está preocupado com a determinação do prefeito,



Reportagem do jornal *O Informativo do Vale* – 01/03/1983, p. 7. Acervo da Biblioteca de Lajeado/RS.



Carlinhos, candidato a vereador pelo PDT, ao lado de Darci José Corbellini, candidato a prefeito de Lajeado/RS. Acervo de Laura Peixoto.



Carlinhos no palanque. Acervo do entrevistado.



Manoel da Silva (Seu Manoel) com uma das filhas. Acervo do entrevistado.



Tia Moça e Seu Manoel no batizado do filho Joel da Silva em Santa Cruz do Sul/RS. Acervo do entrevistado.



Seu Manoel trabalhando na rede elétrica. Acervo do entrevistado.



Concurso *Mais Bela Negra*. FENAL (Parque do Imigrante) – Lajeado/RS. Vencedora com Paulo Santana. Acervo de Seu Manoel e Tia Moça.



Oswaldo Pereira dos Santos (Mikimbim), proprietário de um salão dos morenos no Bairro Hidráulica, em Lajeado/RS. Acervo de Rosane Pereira dos Santos Bispo.



Natalício Inocêncio dos Santos. O dono do mais antigo salão de morenos lembrado pelos entrevistados. Acervo de Soraya dos Santos.



O menor, segundo vários entrevistados, pode ser João Carlos Cardoso (Cao) - 14/10/1948 - 29/07/2009 -, filho de Aprígio Cardoso. Mas há quem acredite que seja Toco, apelido de Valdelirio Cardoso - 01/01/1955 - 16/09/1988. Há quem diga que não é nenhum dos dois. O mais alto é Salabico. Acervo do entrevistado.



O casal Salabico e Noêmia. Acervo do entrevistado.



De camisa xadrez e com uma espécie de cachecol, do lado direito, podemos ver Joaquim Cardoso (23/03/1913 – 05/05/1958), conhecido como “Quincas”. irmão de Aprígio Cardoso, foi coproprietário ou sócio do salão dos morenos. Casado com Adelina Cardoso (06/04/1913 – 21/06/1993), trabalhava como pedreiro. Em razão da data do seu falecimento, acredita-se que a foto tenha sido tirada no salão dos morenos localizado na Rua Coronel Müssnich, em Estrela. Acervo Clara Cardoso Rodrigues (Dada).



Da esquerda para a direita, Salabico, Claudemir (filho de Olmiro) e Olmiro José dos Santos (Mirinho). Bairro Imigrantes, Estrela/RS. Acervo Olmiro José dos Santos.



Da direita para a esquerda, Olmiro José dos Santos (Mirinho) é o terceiro agachado. Time com moradores do Bairro Imigrantes - Estrela/RS. Acervo de Olmiro José dos Santos.



Da esquerda para a direita, vemos os irmãos Joaquim Cardoso (Quincas) e Aprígio Cardoso, proprietários de salões dos morenos, trabalhando como pintores. A foto foi tirada em Estrela/RS. Acervo de Clara Cardoso Rodrigues (Dada).



Salão dos morenos do Aprígio. No meio da foto está Joaquim Cardoso (23/03/1913-05/05/1958), irmão de Aprígio Cardoso. Do lado esquerdo, Cacilda e Joaquim (?). Do lado direito, Firmina e Alfredo Raspão. O primeiro dos menores seria Clementino Cardoso, filho de Joaquim Cardoso. Acervo e informações de Clara Cardoso Rodrigues (Dada).



Salão *Quinze de Novembro* – Estrela/RS. À esquerda, José Nadir dos Santos, que estava à frente do salão nessa época (1978). Ao fundo, de bandana, Salabico. Seguindo Salabico, também ao fundo, a esposa dele. A princesa à esquerda é Elisabete (hoje Menezes). Como Rainha do *Quinze de Novembro*, Evanir Barbosa, irmã de Salabico. Acervo de Evanir Schneider.



Escola de samba *Treze de Maio*. Por anos, essa escola foi comandada por Manoel da Silva. À esquerda, Maria Glaci Cardoso (Nenca), já falecida, irmã de Rosane Cardoso, professora na Univates. Foto tirada por Sebaldo Hammes, fotógrafo em Lajeado/RS.

Alex Cascalho, glamour, plumas e paetês: as primeiras festas gays no Vale do Taquari

Data: 04/04/2017

Local: Venâncio Aires/RS

Residência do entrevistado

Jan[diro] Adriano Koch – Núcleo da Diversidade DCE/Univates – Como estamos focados no Vale do Taquari, sempre começo tentando estabelecer algum vínculo do entrevistado com essa região. Sei que você vai migrar para lá mais tarde, mas vou voltar um pouco mais no tempo. Alex, onde você nasceu?

Alex da Silva (Alex Cascalho): Nasci em Venâncio Aires/RS [município entre o Vale do Taquari e o Vale do Rio Pardo] em 23 de novembro de 1976. Sempre residi aqui, morava no interior e depois vim para a área urbana.

Jan: Podemos dizer, eu presumo, que as pessoas de Venâncio Aires podem ser comparadas às de Lajeado e de outras cidades do Vale do Taquari em termos de mentalidade e comportamentos. Claro, existem especificidades. Os entrevistados costumam falar um pouco sobre como foi a descoberta da sexualidade, o que se pode delinear como marca ou como exceção no interior do RS. Podes falar um pouco dessa parte biográfica?

Alex: Desde os meus oito anos de idade eu já tinha consciência. Eu ia ao colégio, via meu coleguinha, via ele de

uma maneira diferente. Como não tinha muita informação na época, achava que era uma doença, que eu era o único. Como em Venâncio Aires não tinha muitos gays [assumidos?] na época, [...] eu, morando no interior, achava que não era normal. Depois que conheci outras pessoas, fui adquirindo mais informações. E vi [...] que faz parte da natureza.

Jan: Essa sociabilidade gay, essa rede de amigos, você conseguiu formar na adolescência? Quais espaços vocês frequentavam ou ocupavam?

Alex: Estudei no José de Oliveira Castilhos, um colégio cenicista no centro da cidade. Tinha um menino com quem eu tinha contato. Um não sabia do outro. Eu era muito discreto, um enrustido muito discreto. Na época de carnaval, eu tinha terminado os estudos e ele estava estudando ainda, nos encontramos na frente do clube da cidade. Ficamos jogando conversa fora, lá pelas tantas, um puxou o assunto da sexualidade com o outro. Em resumo: tivemos um ano de relacionamento, eu tinha dezenove anos.

Jan: E a família nessa história?

Alex: A mãe sempre sabe. O pai, às vezes, sabe. Finge que não vê. A minha mãe sabia [...]. Ela me chamou para conversar [depois de vê-lo com um namorado], eu abri o jogo. Eu me senti incomodado. A mãe ficou diferente um mês, eu fiquei mais diferente que ela. Eu me sentia envergonhado, constrangido. Mas depois foi muito tranquilo. Sempre tivemos uma relação muito boa em casa.

Jan: Isso é bom, não é?

Alex: Foi um peso tirado das costas.

Jan: Quando você começa a pensar em festas para gays?

Alex: Como trabalhei de atendente de bar, de garçom, eu conheci um rapaz chamado Augusto, que era gay [...]. Um dia ele disse “Alex, vou te apresentar um amigo meu, que é cabeleireiro aqui na cidade, ele conhece mais gays, eu vi que tu estás bem perdido”. Eu não conhecia ninguém. Eu já estava com 21 anos e não conhecia mais gays da cidade. Conheci o Adriano e acabei conhecendo todo resto. Estou falando de 1997. Em 1999, o Adriano disse “Alex, tem festas em Santa Cruz, lá na Rose [...]”. Era uma coisa [festa gay] muito escondida, o convite era feito no boca a boca. “A gente poderia fazer uma festa aqui em Venâncio”, sugeriu o Adriano. “Olha, Adriano, eu não conheço ninguém”. “Mas eu tenho meus contatos”, disse o Adriano. Aí entra o Jaicon na jogada [...]. O Jaicon conhecia uma turma em Lajeado. O Adriano tinha os contatos de Santa Cruz. Fizemos no *Armazém Disco Bar*, que não existe mais. A primeira festa gay de Venâncio Aires foi em 2000.

Jan: E como acontece a mudança para Lajeado?

Alex: Fizemos a festa eu, o Adriano e o namorado dele. Como eles não gostaram muito da experiência, porque pensavam no lucro, enquanto eu pensava na diversão [...], marquei com o Jaicon e ele me convidou para ir para Lajeado. Chegamos a um consenso. Fomos atrás da sede. A mãe do Jaicon era uma espécie de ecônomo da sede do *Lothar Johann*.

Jan: E a ideia de trazer trans, transformistas e travestis para performar?

Alex: [Nesse meio tempo], no finalzinho de 2000, fui na minha primeira festa em Porto Alegre, onde conheci a Laurita Leão⁴⁷. Foi no *Era Uma Vez*. Ficamos amigos. Conversei com ele, que era um ator de teatro [...], ele cobrou R\$ 100,00 e veio. Foi um sucesso. Foi na mesma época em que ele saiu em uma reportagem na revista *G Magazine*. Foi em 24 de março de 2001.

Jan: Vocês investiram nessa proposta? Quem mais veio?

Alex: A Sandra Mara [...], a Laurita Leão, a Glória Crystal, a falecida Dandara até está em um *flyer*, mas ela “deu um cano”. A Glória veio umas duas ou três vezes. Nos anos 2000, as pessoas iam à festa e gostavam de ver um show de um transformista [...] era *glamour*, plumas e paetês.

Jan: Como vocês obtinham público?

Alex: Na época eram *promoters* [...]. Tínhamos pessoas em Santa Cruz do Sul, tínhamos pessoas-chave: a Ângela Mimi, a Madelon [que chegou a promover festas em Santa Cruz, na *Secreta Mirada*, perto do Motel Cascata], o Júlio e de uma delas me fugiu o nome. Eram quatro pessoas em Santa Cruz. Elas organizavam quatro vans. Vinha um micro-ônibus, três vans e mais o pessoal de carro ou vinham de ônibus de linha. Chegavam à rodoviária... a rodoviária de Lajeado ficava cheia de gays [as festas eram bem próximas, na sede do *Lothar Johann*, atrás do presídio da cidade]. Vinha van de Porto Alegre, de Caxias, onde tinha apenas a *Studio 54*, e de Estrela. Eu cuidava de Santa Cruz e o Jaicon de Lajeado. Eu distribuía um monte de *flyers* e eles distribuía para amigos e conhecidos.

47 Personagem do ator Lauro Ramalho.

Jan: Quem criava os *flyers*?

Alex: O Jaicon. Todos tinham o dedo dele. Eu cuidava mais da parte do texto, mas o Jaicon que cuidava da parte estética.

Jan: Você acha que as pessoas estavam carentes de um espaço de socialização, um lugar para namorar e se divertir sem receios?

Alex: Como em Lajeado foi a primeira festa aberta, com mais divulgação, quando a gente foi até as pessoas [para convidar], percebemos que os gays queriam conhecer pessoas. Não tinha um aplicativo, não tinha as redes sociais, quem tinha computador era rico [...]. Os gays se encontravam em praça pública, nos banheiros, porque era um ponto de encontro [...]. Aqui, em Venâncio Aires, o que tinha? Não tinha nada. [Alguns gays] se reuniam em casas de alguns deles. Em Lajeado, na casa do Vavá. As pessoas se conheciam nas suas cidades ou iam para Porto Alegre. Quando surgiram as festas gays, as pessoas pensavam “opa, eu vou ver muito gay novo, vou ver muita gente diferente” [...]. 80 % dos frequentadores das festas iam para conhecer gente nova, até um futuro namorado, para conseguir um futuro relacionamento ou iam para beijar. Iam com intuito de conhecer pessoas, porque se fossem em um bar ou em uma festa tradicional, se beijassem alguém ou andassem de mãos dadas, eram expulsos ou eram espancados.

Jan: E como se dava a parte prática, a locação de espaços?

Alex: Em Lajeado, se chegássemos a um lugar dizendo que era para festas gays, o pessoal não deixava, o pessoal não

alugava. No *Lothar Johann*, nós não precisamos dizer que era uma festa gay, ficou nas entrelinhas. Como o público cresceu muito, vimos a necessidade de ter um espaço maior. O Jaicon foi procurando os lugares e recebia os “nãos” [...]. Na sede da *Casa Americana*, no Bairro Montanha, fizemos a primeira omitindo, dizendo que era um aniversário [...]. Como teve som alto, a festa foi até o clarear do dia [...]. No final da festa, um amigo nosso ficou dormindo no banheiro, “montado” de prenda, bêbado [...]. De manhã, ele saiu para um mercado na frente. Os clientes do mercado ou açougue foram chegando, era domingo, e ele começou a dançar e a rodar e a levantar [o vestido]. As pessoas olhavam [...]. Deu um rebuliço, ligaram para a *Casa Americana*. Acabou não rolando a outra festa, que estava marcada, que seria o *Miss Gay*, que foi vencido pela Malu, o primeiro título conquistado pela Malu.

Jan: A festa estava organizada e vocês não tinham mais a sede. O que fizeram?

Alex: Como eles embargaram e a festa já estava marcada, inclusive com o *flyer* [pronto], nós saímos que nem doidos atrás de outro espaço e não achávamos. Eu passei um dia inteiro procurando, não conhecia Lajeado muito bem. Para ter uma ideia do nosso desespero, fui à sede de um colégio evangélico, luterano [...]. A Mica conseguiu contato com um casal, a Luíza e o César, que eram ecônomos do *Clube dos Quinze*, no Bairro Montanha. Acabamos transferindo a escolha do *Miss Gay* para lá. No *Clube dos Quinze* fizemos duas festas, fizemos uma que foi a Festa à Fantasia. O pessoal estava reclamando que na sede do *Lothar Johann* era melhor, porque tinha um espaço ao ar livre, um pátio. Voltamos para o *Lothar Johann*. Em 2002, o Jaicon disse “não quero mais”.

Jan: Não apareceu outro que quis participar? Pensando que um organizador tinha que se expor muito mais do que um frequentador das festas, porque ele tinha que transitar nos lugares para conseguir sede, som, bebidas, autorizações, segurança, entre outras coisas [...].

Alex: Não tinha. Não lembro. Até cogitei [...]. Até porque se tivesse alguém interessado, teriam me falado. Da nossa época tinha o [...], ele até ia para as festas, mas não gostava de aparecer em fotos. Quem batia as fotos? Eu tirava, o falecido Alberto, um grande amigo que faleceu de câncer aos 29 anos. Algumas vezes, teve um fotógrafo profissional, amigo do Jaicon, que tirava as fotos para nós. Depois da desistência do Jaicon, eu devo ter feito mais umas duas festas em Lajeado.

Jan: Você voltou para Venâncio?

Alex: Voltei. Era muito na contramão fazer em Lajeado. O povo vinha de topic de Lajeado, de Santa Cruz do Sul, de Estrela. Perdi Porto Alegre, Caxias, mas ganhei outros de cidades menores do Vale do Jacuí. Em 2003, trouxe a Cristiny Bastos [*drag* que trabalhava no *Sungas*, em Porto Alegre]. Eu tinha medo de não ser tranquilo lá na sede do *Expresso Cruzador*, que hoje é a sede do *Marasca*, que pertence ao Guarani [...]. Eu cheguei e falei a verdade [...]. Aprendi, em Lajeado, que [omitindo] eu poderia correr o risco de a festa ser cancelada. Na segunda festa, eles elogiaram muito o comportamento das pessoas, eles achavam que festa gay era uma festa só de putaria, onde todos estariam nus e fazendo um surubão. Era essa a ideia que as pessoas tinham. Passei por alguns problemas particulares. Em 2004, não fiz festa. Em 2005, retornei. Na mesma sede. Com o passar do tempo,

percebi que em Venâncio havia uma aceitação boa [...]. Passando na frente do *Doctor Pub*, em 2006, cheguei com a cara e a coragem, contei da minha pretensão [...].

Jan: No centro da cidade? O bar fica em um lugar de muita visibilidade. Foi tranquilo?

Alex: Um dos donos me disse: “Alex, tem regras. Primeira regra: entrou, não sai para a rua. Eu não quero bagunça no meu bar. Eu não quero bagunça na frente do meu bar. Pessoas se beijando, pessoas se agarrando eu não quero na frente do meu bar. Meu bar tem um nome aqui na cidade e eu quero preservar. O que tu fizer lá dentro não me interessa.” O aluguel era alto, cheque-caução antes, a bebida tinha que pegar dele [...]. A primeira festa foi muito boa. Pedi para o Wirk [ajudar]. Ele colocou na coluna social dele *Doctor Pub* locado. Me precavi de todas as formas. Por causa do falatório. Para deixar bem claro que o espaço era locado, que não era o *Doctor Pub* que estava fazendo uma festa gay. Depois fui para a *Sova*, que deu um *plus* no público, eles gostam de coisas novas.

Jan: Nessa época, já estava “explodindo” essa coisa de organizar festas gays por aqui ou tu eras o único?

Alex: A *UP* começou em 2001, em Santa Cruz. Depois, a Luíza começou com a *Pride* em Lajeado. Fizeram algumas festas em Lajeado. Eles eram apoiadores da *Option Free* [nome das festas organizadas pelo Alex]. A Vanessa [Vanzin] começou também. Depois veio o *Taverna*, em Santa Cruz, que era um bar fixo.

Jan: Os gays entendem que a sociabilidade gay é importante para a autoestima e que você que iniciou essa fase de festas por aqui?

Alex: Para mim é muito gratificante [...]. Seria muito interessante para essa nova geração saber que teve uma trajetória, que foi difícil para que eles possam estar aí hoje [... e possam] frequentar uma festa alternativa [...]. Teve uma trajetória aqui na região. Teve alguém que começou, que deu a cara a bater [...].

Jan: Muita gente não acredita que no Vale do Taquari tenha havido ou ocorram, ainda hoje, casos de violência física e/ou psicológica decorrentes da orientação sexual ou identidade de gênero das pessoas. Você tem muito mais contato com o grupo LGBT do que eu em razão do teu trabalho por longos anos. Pode me citar alguns casos?

Alex: Eu ouvia muito. Por exemplo, dois amigos meus, cabeleireiros... O [fulano] apanhou de relho no calçadão [de Venâncio Aires] nos anos 90. Ele levou tomata. Tinha uma fruteira. Estavam descarregando frutas e legumes, ele levou uma tomata [...]. Ele voltou, falou com o dono [...], mas eles riram dele. Um amigo meu estava tomando banho de sol, chegou um cara de espingarda e ameaçou dar um tiro. Em Santa Cruz, o Michel estava no *Gigante*, nos anos 90, e ele dançou com outro cara. Vieram os seguranças e quiseram colocar ele pra fora. Como tinham muitos gays, eles peitaram os seguranças e não aconteceu. Em outra oportunidade, nesse *Gigante*, duas meninas foram colocadas para rua. Então, houve sim. O que acontecia era que as pessoas não iam registrar ocorrência, não iam fazer um BO. O [fulano] tomou um soco no centro da cidade [...].

Jan: Quando você encerrou a fase de organizador e DJ das festas gays?

Alex: Dá trabalho organizar uma festa. Teve o incidente na boate *Kiss*. Eu cobrava um ingresso [de valor tal] na *Sovinha* [...]. Tu tens que ter alvará. Em 2005 ou 2006, eu já havia sido notificado de que não poderia fazer show pirotécnico em ambiente fechado [...]. Eu respeitei a lei. Os aluguéis triplicaram. Então, voltei para o começo, lá na sede do *Expresso Cruzador*, uma sede mais rústica, na BR-453. Em 2010-2011, permaneci por dois anos. Aí parei [...].

Jan: E os aprendizados dessa experiência?

Alex: As pessoas da noite são muito carentes. Olhando para o lado artístico, a pessoa desce do palco depois de aplaudida, só que ela é uma pessoa. Uma pessoa que tem poucos amigos, que é muito sozinha. Muitas amigadas da época, eu cultivo até hoje [...]. Tem, também, a coisa do ego. Um dia recebi ligação de um amigo [gay] dizendo “Alex, eu gosto das festas de Lajeado, só que eu não acho legal [...], acho que tu deverias barrar ou cobrar um ingresso mais alto [das travestis profissionais do sexo].” Eu disse: “Olha, Fulano, no dia em que eu barrar a entrada de alguém pelo fato de ser mais humilde ou por não se vestir tão bem, eu paro com as festas. Porque o meu objetivo acabou. O meu objetivo é unir as tribos, o objetivo da *Option Free* é unir as tribos regionais [...]. Elas vêm, pagam a entrada delas, se divertem. De repente, elas estão esperando a festa assim como você está esperando. Eu não posso fazer isso. Se tu deixar de vir numa festa minha por causa disso, me desculpa, vai ser uma opção tua.” Vivo com a consciência de que fiz minha contribuição.

“As coisas começaram a acontecer” - O Coletivo LGBT no Vale do Taquari

Data: 14/03/2017

Local: Lajeado/RS

Biblioteca da Univates

Jan[diro] Adriano Koch – Núcleo de Diversidade DCE/Univates: O Núcleo de Diversidade do DCE Univates vem se propondo a falar sobre a questão LGBT trazendo questões ligadas ao Vale do Taquari, porque, na região, é um campo em aberto para ser estudado. A primeira pergunta, então tem a ver com saber de onde você é...

Rodrigo Mattos: Nasci em Lajeado, em 1996. Morei aqui minha vida inteira. Aos 18 anos fui para Porto Alegre, onde conheci o meio LGBT. Ainda vou de ônibus para a Unisinos todos os dias.

Jan: Você começou a se envolver com a temática LGBT em Porto Alegre?

Rodrigo Mattos: Tem muita movimentação sobre isso lá. Coisa que você não vê por aqui. Quando fui morar lá, conheci a militância. Foi quando comecei a pensar. Eu estava vivendo aquilo lá e não via isso acontecendo por aqui. Eu pensava “meu, eu preciso levar isso para lá, preciso fazer essa galera conhecer isso”. Comecei com os meus amigos [...] a mostrar o que era, a mostrar como aqui a gente ainda estava parado no tempo.

Jan: Voltando um pouco para a biografia. A tua vivência aqui no Vale, tendo nascido em 1996, foi mais tranquila do que a de homossexuais de gerações anteriores, dos quais ouvimos relatos sobre permanecer no armário e dificuldades variadas com a família, entre outras problemáticas?

Rodrigo Mattos: Eu acho que para os da minha geração foi mais tranquilo, mas ainda foi muito complicado [...]. Eu vi amigos meus assumindo, apanhando em casa, tendo que sair, sendo enxotados [...]. O Vale do Taquari ainda é extremamente homofóbico, mas a gente está começando a “mexer os pauzinhos” para mudar isso, usando as tecnologias para isso e [a gente] está na luta.

Jan: O que a população LGBT faz para se organizar politicamente ou para socializar na região?

Rodrigo Mattos: Bom, eu sei desde sempre que tinha alguma coisa diferente [comigo], que [eu] não era aquele modelo padrão. Eu sabia que eu gostava de meninos [na escola]. Eu fui falando para os meus amigos, alguns viraram a cara para mim. Meus pais não sabiam, eles frequentam uma igreja evangélica. Nessa época de descobertas, a gente vai se identificando, [e] acaba criando um grupo [de amigos] que fortalece. Isso era maravilhoso. Eu comecei a frequentar as festas GLS – como a gente chamava na época –, as *Groove* organizadas pela Vanessa Vanzin na *Magic* [boate de Lajeado/RS]. Ali foi meu primeiro contato com pessoas iguais a mim, que moravam em outras cidades, que vinham de van. Foi muito natural eu entender que isso acontecia, que não tinha nada demais, que eu tinha que contar para minha família e ficar tranquilo.

Jan: E a família ficou para quando?

Rodrigo Mattos: Um dia eu fui no *shopping* [de Lajeado]. Eu estava conversando com um garoto quando meus pais chegaram. Eles entraram e me viram com ele. Eles estavam com uma cara tenebrosa. Entrei no carro [dos pais]. Eles achavam que tinham errado [em alguma coisa]. Isso durou mais ou mesmo umas três horas, a gente andando de carro por Lajeado. Eu só sabia chorar. A gente chegou na casa da minha irmã, uma pessoa bem “pra frente” e com muitos amigos LGBT [...]. Acho que a minha irmã deve ter aberto os olhos deles e, no mesmo dia, eles pediram desculpas, falaram que aquilo não precisava ter acontecido, que eles me aceitavam. Isso foi em 2012. Desde então, minha convivência com eles melhorou 200%. Eu sou muito aberto com eles hoje em dia, coisa que na minha infância eu não era, porque eu tinha aquele sentimento de que “meu Deus, eu tenho alguma coisa de errado, mas eu não posso falar para eles”. Eu não tinha uma relação de conversar, de falar as coisas que eu sentia. Depois que eu me abri com eles, hoje em dia, nossa, [...] são meus melhores amigos.

Jan: E a politização? Ela inicia quando e por que meios?

Rodrigo Mattos: O que eu conhecia da luta LGBT era aquele discurso de “homofobia não!” Não conseguia entender que a “lgbtfobia” é uma coisa sistemática. O tempo todo as pessoas são homofóbicas em potencial. Quando fui entender isso, comecei a “me ligar” que a militância era muito importante, porque a gente tinha que começar a quebrar isso. Em Porto Alegre, meu primeiro contato com militância foi

na Marcha das Vadias, que levanta a pauta do feminismo. Eu comecei a “sacar” que, além de sofrer a homofobia, eu poderia ser um machista em potencial. Passei a questionar, porque todas as pessoas podem ser opressoras. [O conhecimento que tenho] das terminologias vem da *internet* [...], eu não tinha uma convivência com gente que falava disso [...]. Acho a *internet* um meio maravilhoso [...], a gente tem que aproveitar ela.

Jan: Quando veio a ideia de criar um Coletivo LGBT em Lajeado?

Rodrigo Mattos: Eu voltei de Porto Alegre em 2015. A ideia surgiu depois de um ano aqui. Eu vivi toda a luta lá. Aqui as coisas estavam muito paradas. Um belo dia fomos em uma festa, aquele caso do *All In Pub*⁴⁸. Aconteceram várias atrocidades, eles foram homofóbicos, machistas e violentos. A gente tentou segurar aquele problema. A gente não conseguiu fazer nada com nossa identidade pessoal, [então pensei] “vamos criar um coletivo”, a gente vai fazer eles nos ouvirem. Foi isso. As coisas começaram a acontecer.

Jan: Dá para dizer que o Coletivo de Mulheres do Vale do Taquari foi uma inspiração?

Rodrigo Mattos: Sim. A gente já tinha ido em bastantes encontros do Coletivo de Mulheres, tinha

48 “Um grupo de jovens organiza protesto contra o *All In Pub* devido a confusões que ocorreram durante uma festa no sábado, dia 27. Conforme eles, a manifestação visa a demonstrar o repúdio a atos de violência, machismo, sexismo e homofobia supostamente praticados por seguranças do estabelecimento”, diz matéria publicada pelo jornal *A Hora* de 03/09/2016. Disponível em: <http://www.jornalahora.com.br/2016/09/03/confusao-em-festa-motiva-manifestacao/> Acesso em: 09/06/2017.

entendido a dinâmica delas. A gente estava vendo que aquilo estava adiantando.

Jan: O que o Coletivo conseguiu fazer até o momento?

Rodrigo Mattos: Fizemos um grande encontro [logo depois do caso *All In Pub*]. Fomos para o *Ensaio Geral* [em Capitão/RS], que é um festival de arte, cultura e música. Lá tivemos um retorno muito legal. Depois disso começou a ficar mais inativo.

Jan: Os coletivos funcionam, talvez, por demanda. Caso aconteça alguma coisa, vocês voltam?

Rodrigo Mattos: O nosso coletivo serve, por enquanto, como plataforma de denúncia [na *internet*], para veicular conteúdo. Eu e o Victor [Alan Gomes] tentamos compartilhar o máximo de coisas sobre a questão LGBT. Encontros não estão fluindo, mas acredito que seja somente uma fase.

Jan: Vamos para a autocrítica. Tu tens muito contato com gays e lésbicas. Existe necessidade de autocrítica, carência de politização ou disputas intragrupo LGBT, que precisam de atenção? Uma necessidade de amadurecimento...

Rodrigo Mattos: Sim. Rola muita briga de ego dentro da militância. Gente que tem pensamento [de] rei, que não se autocrítica, que acaba falando um monte de baboseira. Discussão sem teoria é senso comum [...]. O debate ainda é muito elitista. Quem está na faculdade, quem tem tecnologia, tem muito mais acesso. A gente está aqui discutindo, mas as travestis, que estão trabalhando no Parque dos Dick [ponto de profissionais do sexo em Lajeado/RS], talvez nem tenham noção disso.

“Ser chamada de Dandara, nossa!”

Data: 08/02/2017

Local: Estrela/RS

Residência da entrevistada

Jan(diro) Adriano Koch – *Núcleo de Diversidade DCE/Univates*: Vamos começar pelas origens. De onde tu és?

Dandara Lima: Eu nasci em Estrela. Sou de 1981. [...] Sempre fui muito feminina. Desde o tempo de escola. Na época, sofria muito *bullying*, mas não se usava essa palavra. Eu acho que eu sofria muito mesmo. Acho que no Ensino Médio não tanto, mas no Ensino Fundamental eu chorava muito. Com o tempo, fui amadurecendo a ideia de ser homossexual. Naquele tempo, era tabu falar de homossexualidade. Eu tinha 19 anos quando me assumi. Não virei trans automaticamente.

Jan: Como foi a reação da tua família a partir do momento em que você se colocou para eles como alguém com orientação sexual/identidade de gênero diferente do padrão? Como foi quando eles identificaram? Se há como saber quando isso aconteceu...

Dandara: Foi muito difícil. Me abri com a minha mãe, contei para as minhas irmãs, contei por último para o meu pai, que é a parte mais difícil, acredito. Para o menino, se assumir para o pai é complicado. Desde pequena, eu achava lindo o batom. Achava lindo a mãe botando brinco. Achava lindo aquele salto, eu botava, aí meu pai me batia. Depois eu

colocava de novo [...]. Eu achava homem bonito, mas ainda criança não entendia o que era isso. Mais tarde, comecei a pensar que era coisa do Diabo. Chegou uma época em que tentei me mutilar, me matar, porque eu não achava que aquilo era certo.

Jan: Além do núcleo familiar e da escola, em quais lugares foi difícil revelar a homossexualidade/transsexualidade no Vale do Taquari?

Dandara: No trabalho, eu vi que aquilo [usar roupas do sexo feminino] estava interferindo. Fui demitida por ser homossexual. Não vale a pena citar nome de empresas. Não foi uma, não foram duas, não foram três. [...] entrei em uma empresa onde tive que me “corrigir” muito [...]. Infelizmente, trans, aqui na região, é símbolo ou sinônimo de prostituição. Isso é algo que precisamos tirar. Eu morei em Goiânia [...]. Lá se vê trans trabalhando em salão, lá se vê trans trabalhando em mercado, lá se vê trans trabalhando em loja, lá se vê trans trabalhando como atendentes, como recepcionistas de clínica. Me diz onde você vai ver isso aqui?

Jan: Até um momento você se colocava como homossexual. Quando surgiu a noção de “trans”?

Dandara: Foi a parte mais difícil da minha vida. É quando o corpo de menino começa a criar curvas que a gente desconhece. É quando o teu próprio pai não te identifica mais como aquele menino [...].

Jan: E tinha alguma referência na qual uma trans podia se inspirar localmente?

Dandara: Na realidade, foi por apoio de uma outra trans, que não mais mora aqui. E tinha a Malu Bismark, que todo mundo conhece.

Jan: De onde veio a inspiração para o teu nome?

Dandara: Na verdade, foi uma brincadeira entre amigos. Um deles mora em Goiânia. Foi em um barzinho. “Darling?” Não gostei. “Dandara?” É... Dandara. Já entrei em processo [para alteração do nome nos documentos], mas barrei em algumas “vírgulas” da parte jurídica. Mas vou voltar ao processo. A “transformação de gênero” para a minha família foi muito difícil. Ainda é. Principalmente pelo meu nome. Minha mãe me chama pelo nome de nascimento. Meu pai também. Por mais que minhas primas, meus parentes me chamem de Dandara [...].

Jan: Algumas vezes, li postagens suas nas redes sociais e notei críticas contundentes aos homossexuais do Vale do Taquari. Faço as minhas – de forma semelhante – muitas vezes. Quero saber mais. Eles também não estão preparados para as diferenças na sigla LGBT?

Dandara: É lógico que não. Eu já fui recusada em salão de cabeleireiro [Dandara tem cursos de formação como manicure e cabeleireira]. Eu recebi vários não. Conheço a cultura da região. Não por eles [como pessoas]. Pelos clientes, que vão deixar de frequentar o salão porque lá tem uma trans. Os homossexuais são reconhecidos nessas profissões. Está na hora das trans entrarem nesse espaço.

Jan: Por outro lado, imagino que a relação com as clientes da Dandara manicure e cabeleireira estão quebrando preconceitos?

Dandara: Exatamente. Um dos meus grandes avanços foi conseguir entrar em uma casa de família e ser respeitada como “ela”. Ser chamada de “Dandara”, nossa! Hoje é mais rotineiro. Esses dias, fui jantar com meu companheiro e a cliente me chamou no restaurante e disse: “Achei que tu não ia me cumprimentar, sua exibida!” Me cumprimentou, cumprimentou meu namorado. Ela estava com o marido e filho. Isso é muito gratificante. Ser reconhecida como profissional, como pessoa, ver que ela não fugiu de mim. Mas não construí isso em pouco tempo e ainda estou formando clientela.

Jan: “Mulher trans” é um conceito novo. Traz muita visibilidade. É resultado da trajetória de um movimento social. Você está disposta a levar à frente essa identidade ou – como algumas fazem – prefere abandonar o “trans” algum dia por, talvez, ser sinônimo de um histórico de sofrimento na sociedade conservadora?

Dandara: Se a gente esquece do passado, a gente esquece quem a gente é. Eu faço questão de lembrar de muita coisa do meu passado [...]. Já vi trans que hoje se dizem mulheres [...]. Eu sou uma mulher trans. Tem gente que diz “você é tão linda, que nem parece uma trans”. Mas quem disse que as trans não são lindas?

Jan: Como você vê a concentração de trans na atividade de profissional do sexo?

Dandara: Se as trans estão nesse ramo, é porque tem quem as procure. Se elas estão procurando a região de Lajeado, é porque existe mercado de trabalho. Mas [ser profissional do sexo] não é o peixe que eu vendo. As trans podem estudar, podem ser advogadas, por que não? Podem ser médicas, por que não? Ser trans não significa estar enclausurada [em uma profissão].

Jan: Você tem planos para o futuro?

Dandara: Eu quero me ampliar profissionalmente. Mas não estou com pressa. Tudo vai ter o seu tempo. Futuramente eu quero poder incluir as trans no mercado de trabalho. Ministrando cursos de manicure e cabelo. Com elas trabalhando no meu salão. Mostrar outros caminhos para as que quiserem.

Jan: Já pensou em filhos?

Dandara: Minha mãe veio me fazer esta pergunta faz uns dois meses: “Tu não vai querer ter filho?” Minhas irmãs já têm. Eu perguntei: “Mãe, como é que eu vou ter?” Ela respondeu: “Adota, uai!” Eu achei mágico isso.

“Sem-vergonhismo, putaria, [má]influência”

Data: 25/09/2017

Local: Lajeado/RS

Residência do entrevistado

[Jan]diro Adriano Koch – Núcleo da Diversidade DCE/Univates: Bom, a gente já vinha conversando sobre isso e eu gostaria que me falasse sobre as primeiras festas gays no Vale do Taquari.

Jardel dos Santos: Quando eu comecei, quando eu conheci o Jaicon, era esse cara que organizava as festas aqui. Ele já tinha um grupo de amigos dele com lésbicas, com um pessoal mais velho - mais velho para mim naquela época. Eu tinha 17 anos, eles tinham na base de trinta e cinco, trinta e quatro anos. Assim, era tudo escondido. Na casa de um, daí tinha uma janta na casa de outro, nada muito público. Eles tiveram a ideia de fazer festa, porque eles viam aquelas festas de Porto Alegre. Tudo começou lá na sede do *Lothar Johann*, atrás do presídio. Era o Alex - o DJ Cascalho-, e o Jaicon que organizavam. Eles inventaram o nome de *Option Free* para botar um título na festa. Começaram a divulgar [...] de boca em boca. Eles faziam convitezinhos. Imprimiam tudo aqui na Lajecópias [centro de Lajeado/RS]. Eu estava junto com eles durante a organização e ficava botando meu bedelho. Eles divulgavam na *Zero Hora*. Na página dos produtos e serviços. [...] um quadradinho de umas quatro linhas: “Festa GLS em Lajeado. Informações com o número [tal]. Falar com Fulano.”

Vinha o pessoal de fora que via o anúncio. [...] o pessoal vinha avulso. Eu me lembro que tinha um piá [...], fiz amizade com ele, veio de Porto Alegre, pegou um ônibus de tarde [...]. Tinha festas em Porto Alegre, só que ele estava com medo de ser conhecido. Eles vinham para cá, porque era longe [...]. Ficavam até de manhã, de manhã iam até a rodoviária para pegar um ônibus para voltar para Porto Alegre. Me lembro que eles [os organizadores das festas GLS] mandavam fazer um palco de madeira [...], porque tinha shows também. Eles traziam, naquela época, as *drags* que faziam show. Me lembro que tinha a Laurita Leão, a Glória Crystal. [...] as músicas que tocavam na época: Madonna, Pet Shop Boys e Donna Summer [...].

Jan: Como vocês conseguiam esses espaços para alugar? Qual era a frequência dessas festas?

Jardel: [...] aconteciam na sede do *Lothar Johann*, aqui em Lajeado, e aconteciam lá porque a mãe do Jaicon, que era o organizador da festa, trabalhava lá [...]. Tinha um espaço bom e tinha uma área ao ar livre em que eles colocavam mesinhas para o pessoal ficar conversando e fumando. [...] Aconteciam a cada dois meses mais ou menos, quarenta dias. Hoje em dia, tu vai em Lajeado, tem em Santa Cruz, tem em Porto Alegre, está muito fácil. Naquela época, era evento. O pessoal pensava na roupa que ia usar nos quarenta dias que antecediavam. Quando chegava a semana, a gente ficava em função só daquilo.

Jan: Qual era o tipo de público?

Jardel: Basicamente o pessoal daqui. Era um pessoal mais velho, sabe. Hoje, tu vai numa festa, metade do povo

é aquele de dezesseis, dezessete, dezoito, vinte. [Vinhã...]
grupinhos de gays de Venãncio Aires, de Santa Cruz, vinha
gente de Porto Alegre, vinha gente de tudo que é lugar.
Lotava.

Jan: Havia alguma reaçãõ da comunidade local às
festas?

Jardel: Não, era tudo muito escondido. Tudo muito
escondido.

Jan: Depois que as festas encerraram no *Lothar
Johann* [...], onde passaram a se encontrar?

Jardel: [...] essas festas reuniam muitas garotas de
programa. Por quê? Porque gays eram minoria e elas também
eram minoria. E [algumas] gostavam de mulheres. O pessoal
das festas gays passou a fazê-las na *Stillu's*, que era uma casa
noturna [com garotas de programa] que existia aqui na área
central de Lajeado. Era [...] mais problemático que lá no
Lothar Johann, que era em uma região mais escura ali perto
da rodoviária aqui de Lajeado. Na *Stillu's*, a gente ficava com
mais medo de ir. Porque, quando tu chegava na quadra da
Stillu's, ficavam [curiosos, carros passando...] só olhando. Era
um horror. Era menor o lugar. Não tinha shows de *drag*, mas
tinha shows de strip-tease. De mulheres e tal [...]. Depois
começaram a fazer festas aqui no *Meneghini*, que agora
virou o *Galera's*. Nessa época, o *Meneghini* era um bar, [...] era um lugar [...em relação ao qual] o pessoal meio que tinha
preconceito aqui em Lajeado. Daí começaram a fazer festa
gay. Durou bem mais tempo [do que nos outros lugares].

Jan: O que motivava as pessoas a irem para as festas?

Jardel: [...] para encontrar alguém, para “caçar”. Só que naquela época era um ponto de refúgio, porque não tinham ninguém. Os [...] pais não podiam saber. Era um lugar onde as pessoas se encontravam, em que podiam ser elas mesmas sem problema nenhum.

Jan: Pessoas não gays chegaram a frequentar?

Jardel: Sim. E sempre em pequeno número, sempre aqueles amigos dos gays.

Jan: O que você percebe de diferente entre aquela época e hoje?

Jardel: Como não tinha internet, as pessoas combinavam por telefone, por SMS. Combinavam e iam se encontrar ou na casa de alguém ou em algum lugar. Hoje, [...] todo mundo sabe, todo mundo vai. Tudo é mais fácil, é muito mais tranquilo ser gay hoje em dia. Tem muito preconceito, mas tem menos que naquela época [...]. Quem botava a cara a tapa naquela época era uma pessoa mais diferenciada [travestis, afeminados...].

Jan: Falando “naquela época” [...]. Como foi a tua trajetória pessoal, família e escola? Se é que você quer falar.

Jardel: Nasci em 1982. No Hospital Bruno Born [Lajeado/RS]. Desde o começo, eu vi que alguma coisa não era “normal”. Só que eu não conhecia muito. Não tinha muita informação. As minhas referências de gays eram personagens

caricatos de novelas. E poucos. Lembra da Sarita⁴⁹? No colégio, o meu nome não era mais Jardel até terminar a novela, era Sarita. Qualquer coisa pejorativa envolvendo gay, que tivesse um nome, aquele nome iria ser o meu no colégio. Era horrível. Era sempre o deboche. Eles não tinham problemas em relação a mim, eu sempre fui legal. Eu via que eles não estavam se importando comigo, eles queriam fazer humor para chamar a atenção dos outros, tipo “eu vou chamar o Jardel de Sarita e os outros vão rir e eu vou ser legal”. Eu revidada, mas como eu era mais fraco que eles, menor que eles, eu não conseguia argumentar e eu ficava sofrendo com aquilo. No colégio Moisés Cândido Veloso [Bairro Hidráulica]. Eu apanhava. Passou uma professora de música e viu que estavam me batendo e ela não fez nada. Eu ia para casa chorando, porque me chamavam de bicha e eu nem sabia o que era bicha. Eu falava para minha mãe e ela ficava brava. Minha mãe era do CPM do colégio. E ela conhecia a diretora. Ela foi dizer: “Eles estão desrespeitando meu filho e eu não tolero mais essa situação”. Mas não era isso de respeitar, ela pensava “ele não é gay e eles não podem falar isso do meu filho”. A professora foi para a sala de aula e disse: “Vocês estão desrespeitando o Jardel, a mãe veio aqui, e vocês estão chamando ele de gay...”. Acha que adiantou alguma coisa? Não adiantou nada. E assim foi até a oitava série. Na oitava série, diminuiu um pouco [...]. Eu virei o líder da sala e eu fiquei com uma posição um pouco mais [...]. Comecei a ser respeitado, mas não parou. E tinha a

49 Sarita Vitti foi interpretada por Floriano Peixoto na novela *Explode Coração* [1995-1996]. A personagem levou ao debate sobre a identidade de gênero dúbia, segundo alguns pensavam à época, com a qual se apresentava. Era um misto de travesti-transformista (drag-queen). Foi uma tentativa da autora Glória Perez de apresentar uma personagem mais complexa. Ela buscou fugir da caricatura, mas o resultado foi questionado por parte do grupo GLBT.

coisa da Educação Física. Eu jogava futebol, mas era o último a ser escolhido. Tinha aquela coisa horrível de educação física [em separado] para os homens e para as mulheres. Eu queria jogar com as mulheres, mas tinha que jogar com os homens.

Jan: Desde muito novo lidando com isso que as pessoas chamam de *bullying* hoje. Deve ter sido complicado [...].

Jardel: Logo depois eu comecei a sair em festas héteros. Eu beijava gurias na frente dos meus colegas e eles paravam de me chamar de gay por uns dois ou três meses. Aí eu tinha que ficar com outra para parar. Fui para o Castelinho [escola de Lajeado/RS]. Ali comecei a viver mais tranquilo. Arrumei um papel [atestado] para não precisar fazer educação física. Eu estudei de manhã [...].

Jan: Nessa época, você já era assumido ou tinha amigos gays?

Jardel: Eu não conhecia ninguém. Comecei a assumir para uns colegas que eu era gay. A partir daí, comecei a saber que gay tinha vida social. Na minha cabeça, aqui em Lajeado, só tinha o Nilinho, o Vavá, eu e o Jaicon. O Vavá e o Nilinho todo mundo conhecia. O Jaicon trabalhava na Corsan. Volta e meia alguém falava que tinha um gay que trabalhava lá. Fui em um orelhão para ligar para a Corsan para falar com o Jaicon. Ele atendeu. Ele disse: “Eu posso ser teu amigo”. Eu fui lá e ele viu que eu era uma criatura sem conhecimento, ele deve ter ficado com pena de mim, e a gente ficou amigo. Um belo dia, ele me convidou para ir na casa dele em um aniversário. Eu não sabia que existiam mais gays. Cheguei na casa dele no domingo. Ele morava no Hidráulica. Tinha um

monte de gente. Eu tinha um tanto de preconceito, mas não por maldade, eu tinha medo que as pessoas descobrissem, a minha mãe [principalmente]. Dei meu primeiro beijo na festa [...].

Jan: Logo começaram as festas?

Jardel: Me convidaram para ir em uma festa gay em Venâncio Aires [...]. Lá, eu só pensava na minha mãe: “Imagina se minha mãe me vê aqui dentro, se meu pai me vê aqui dentro!?” Eu não tinha visto dois homens se beijando ainda [...]. Esse núcleo com quem eu andava já tinha passado o que tinha que passar com as famílias. Eles diziam para mim: “É melhor tu contar”. Eu odiava mentir. E começaram a acontecer vários eventos e eu frequentava. E sempre mentindo [em casa]. Um belo dia, eu resolvi contar.

Jan: E como foi?

Jardel: Olha o que eu fiz. A gente tinha telefone residencial. Nós tínhamos uns parentes mais “de boa”. Minha “dinda” era amiga do Vavá, ela falava muito do Vavá. Eu tinha um primo – de Estrela/RS – que era mais “de boa”. Eu pensei assim: “Eu vou ligar e vou falar para toda a minha família que eu sou gay. Quando eu tiver que contar para a minha mãe, vou dizer que todo mundo já sabe”. Achei que iria amenizar o tombo. Que nada [...]. Fui contar para a minha mãe, o mundo caiu. Eu trabalhava em uma empresa de material de escritório ali no centro. Eu fui para a rua do trabalho, porque eu era viado. A minha irmã morava em Monte Belo do Sul, minha mãe me “desovou” para lá. Na prefeitura de lá, estavam fazendo uma seletiva de emprego. Não passei. Voltei para Lajeado. Minha mãe me mandou para a psicóloga. Eu sabia

que tinha uma psicóloga lésbica [...]. A minha tia falou para a minha mãe: “Mas ela é lésbica, como é que ele vai ir lá”? Mas a gente foi mesmo assim. Minha mãe começou a bater boca com ela, pegou as coisas e foi embora. Minha “dinda”, a amiga do Vavá, tentou amenizar isso, mas minha mãe “tocou” ela de casa.

Jan: E não teve jeito?

Jardel: Era o Inferno. Eu ia na locadora pegar um filme e minha mãe mandava um primo me escoltar. Minha mãe chorando, chorando e chorando. E eu não sabia o que tinha de errado. Eu não fazia nada por mal, sabe? E ela começou a me botar para ir na Igreja [Católica] para pedir desculpa. E eu rezava. Depois ela começou a entrar em depressão. Um dia vim aqui em cima no Posto Faleiro para beber. A minha irmã me liga dizendo: “Jardel, vem para casa, deu uma coisa com o pai”. Quando eu estava perto do cemitério evangélico, me ligaram de novo dizendo para ir até o Hospital. Quando cheguei lá, minha mãe já estava com um terno para enterrar meu pai [...]. Não chorei uma lágrima. Sabe o que eles disseram? Que meu pai tinha morrido de desgosto por causa de mim. Aquilo foi meio forte para mim.

Jan: A relação com a mãe mudou?

Jardel: Minha mãe estava no fundo do poço. Ela já estava na *bad* porque eu era gay. Aquela história de eu contar para a família para amenizar foi pior, porque ela sentia vergonha. Ela ficou com mais vergonha. Teve uma outra tia, que morava no Hidráulica, ela me chamou e disse: “Homossexualismo é promiscuidade”. Eu falava “eu não tenho culpa”, mas não adiantava nada. E eles começaram a

achar que era influência de gays. Eu comecei a dizer “tem um monte de gay em Lajeado”, querendo dizer que isso era normal. Eles me escoltavam com medo de eu encontrar um gay e de eu voltar a ser gay, porque houve um dia em que eu disse para minha mãe “isso é influência mesmo”. Aí ela deu uma acalmada. Eu falava com o pessoal [gay] por telefone, por mensagem [SMS], mas fiquei sem ver eles por um tempo.

Jan: E isso durou?

Jardel: Nisso surgiram as festas gays. Eu comecei a mentir - evidentemente. Eu dizia que ia para um lugar e não ia. Olha o que eu fazia. Vinha minha irmã e meu cunhado no final de semana e eles me levavam até a *Lupus* [em Estrela/RS]. Só que eu entrava lá no estacionamento, onde não precisa pagar entrada, eu pegava o número de táxi e ligava para me buscarem ali na *Lupus* e ia para a festa [gay] atrás do presídio [sede *Lothar Johann*]. Eu rezava. Rezava e pedia desculpa para Deus por estar mentindo [...]. Passaram uns meses, consegui outro emprego. Minha mãe estava depressiva, depressiva, cada vez mais depressiva. Ela teve um problema no fígado [...]. E ela morreu em casa. Antes de ela morrer, ela pediu para minha tia para cuidar do “Preto”, ela me chamava de “Preto”. Minha tia disse “cuido, mas para de falar”. Quando ela disse “cuido”, minha mãe morreu. Deu um ano, morreu os dois. Não tinha mais ninguém. Daí que a coisa começou a [...]. *Melhorar* é horrível de falar? Aquela minha situação gay começou a amenizar. Porque [...]. Isso é horrível de falar, né? O problema da questão eram os meus pais. [...] eles estavam mortos. Se eles não tivessem morrido - evidentemente a gente não quer que os pais morram -, essa situação eu não sei como iria estar hoje [...]. Eles [a família] ligavam [a homossexualidade] a sem-vergonhismo, putaria, [má]influência.



Palco utilizado para apresentações de drags e transformistas nas primeiras festas gays em Lajeado/RS. Acervo de Alex da Silva.



Maria Eduarda Venturini se apresentando no Clube dos Quinze. Bairro Montanha/ Lajeado-RS. Acervo de Alex da Silva.




Sandra Mara. Clube dos
Quinze – Lajeado/RS.
Acervo de Alex da Silva.


Mais uma Mega festa GLS em Lajeado.
 Boate Sequência Máxima
 em
GLS in LOVE
 Edição Namorados


No comando das Pick-ups:
 DJ Cascaho + 2 DJs
 Show de som e Luzes

Haverá distribuição de 3 cestas personalizadas
 para os 3 casais (15, 1L e 1S) mais
 apaixonados da noite

Show de strip-tease Masculino e Feminino


 Ingresso Antecipado: R\$ 5,00
 Na Hora: R\$ 6,00
 Cerveja (500ml): R\$ 2,00
 Whisky (dose): R\$ 2,50
 Mais vários outros drinks no Bar

Dia 16 de Junho de 2001
 Início: 23hs
 Onde: Av. Benjamin Constant, 3378 - Bairro
 Montanha - Lajeado - RS
 (imediações da Rodoviária, depois do Clube
 Montanha, quase em frente ao Restaurante Casa
 da Montanha)



Convite para festa GLS em Lajeado/RS. Acervo de Alex da Silva.



Convites para as festas gays. Acervo de Alex da Silva.



Alex da Silva. Acervo do entrevistado.



Reunião Coletivo LGBT Lajeado e região, Parque dos Dick – Lajeado/RS. Acervo do Coletivo LGBT. Crédito da foto: Tammy Moraes.



Slogan do Coletivo LGBT Lajeado e região. Acervo do Coletivo LGBT.



Rodrigo Mattos com os pais. Acervo do entrevistado.



Dandara Lima criança. Fotografada usando uma camiseta para simular um vestido. Acervo da entrevistada.



Dandara Lima
brincando com
carrinho. Acervo da
entrevistada.



Dandara Lima – 2017.
Acervo da entrevistada.



Convite para “festa gay” em Lajeado/RS. Acervo de Alex da Silva.



Convite para “festa gay” em Lajeado/RS. Acervo de Alex da Silva.

Isso mesmo!!!!

Glória Cristal.



Uma das mais famosas
Dragos do Estado.

informações:

jaicon

(51)98467345

alex

(51)91746759

ou

sombrians@uol.com.br

ou

www.optionfree.cjb.net

Option
Free events

em:

Dia 08/12

Um dia de

GLÓRIA

em Lajeado

Convite para “festa gay” em Lajeado/RS. Acervo de Alex da Silva.



Convite para “festa gay” em Lajeado/RS. Acervo de Alex da Silva.



Convite para “festa gay” em Lajeado/RS. Acervo de Alex da Silva.



Jaicon Marmitt e Alex dos Santos: organizadores das primeiras festas LGBT no Vale do Taquari. Acervo de Alex da Silva.



Glória Crystal e Jardel dos Santos: festa gay na sede do Lothar Johann. Acervo de Alex da Silva.

Considerações Finais - 1ª Edição

Encerramos o livro com (apenas) seis entrevistas. Sete entrevistados nos levariam a oito para garantir a paridade entre os grupos representados, o que poderia extrapolar os prazos para a publicação. Todavia, o leitor deve ter notado que Olmiro José dos Santos (Mirinho) ganhou destaque nas notas de rodapé. Devido ao valor atribuído por nós, boa parte da entrevista realizada com ele, que ficaria inédita ou seria lançada apenas no blogue, foi inserida de forma complementar à conversa com Salabico. Os dois se conhecem há muito e, por vezes, falam de um passado comum ou que pode ser costurado. Olmiro é indicador de que existem outros muitos a quem poderíamos escutar para montar um quebra-cabeças do qual, na certa, nem todas as peças serão encontradas.

De momento, pensamos ter cumprido o nosso papel ao ofertarmos para os leitores de memorialistas do Vale do Taquari – e para a comunidade em geral – esses outros olhares sobre as relações e vivências locais. Arno Sommer, por exemplo, assim retratou a presença negra na região (ao falar especificamente de Picada Boa Vista):

Os negros na picada. [...] o colono de origem alemã não conhecia essa discriminação racial que alguns, injustamente, lhe querem imputar. Ele tinha e ainda hoje tem restrições, mas de outra ordem, quando pensa no futuro de seus filhos. Quais os pais alfabetizados, com uma tradição cultural e profissão de fé cristã, que confiariam a sua filha a um analfabeto ou a um jovem “sem eira nem beira” incapaz de oferecer um futuro seguro à moça? [...]

Quanto a namoro com moças dos colonos, eles [os negros] por si mesmos guardavam retraimento. Realizavam seus próprios bailes, esporadicamente, para se conhecerem entre si os jovens negros das redondezas.⁵⁰

Nossa intenção não é desmerecer quaisquer relatos, mas está entre nossos objetivos o de apresentar outras lembranças, disponibilizando ao público uma polifonia a partir da qual possa debater com mais complexidade algumas questões atinentes à diversidade. Tampouco pretendemos dizer que algum grupo não teve/tem mazelas, todos as têm (e as reflexões dos entrevistados apresentaram algumas). Sugerimos, antes, que cada qual possa reconhecer as suas em exercício autocrítico.

Em relação à temática LGBT, ao registrarmos as (sobre)vivências de integrantes desse grupo no Vale do Taquari, sobre o qual pouco se publicou até agora⁵¹, (re) afirmamos a importância da visibilidade (embora essa também tenha os seus ônus) obtida com a divulgação do material disponibilizado. Diante do resultado apresentado, esperamos que outros(as) se sintam instigados(as), visto que – repetindo o que assinalamos à introdução do livro – tivemos dificuldades em encontrar colaboradores dessa população.

Recorremos à história oral para tornar viável nosso projeto. Sua vantagem é a de trazer a lume personagens não contemplados pelos documentos produzidos pelos e referentes

50 SOMMER, Arno. **Reminiscências da Colônia Teutônia-Estrela:** décadas de 20-30. São Leopoldo: Rottermund, 1984, p. 30.

51 KOCH, Jandiro Adriano. **Sexo, norma e desvio:** defloramentos, doenças venéreas, homossexualidade e prostituição na história de Estrela e de outras cidades sul-riograndenses, do séc. XIX à atualidade. Lajeado: Editora da Univates, 2012.

aos grupos hegemônicos. Dessa metodologia, ainda, nos calcamos no que diz o historiador Alessandro Portelli: “[...] a história oral nunca pode ser contada sem tomar partido, já que os ‘lados’ existem dentro do contador.”⁵² Essa parcialidade, acreditamos, é parte, também, dos documentos escritos. Por isso, reiteramos a relevância da polifonia, da miscelânea de memórias, que só pode ser alcançada quando os indivíduos até então não considerados como fontes (de informação ou saber) podem relatar suas próprias trajetórias.

Como dissemos na apresentação do livro, não foi nossa intenção mudar os arranjos da sinfonia resultante das vozes que escutamos. Por isso, também, o material não “sofreu” interpretações mais profundas. Esperamos, sim, que as pessoas se sintam à vontade para fazer seus apontamentos a partir do que disponibilizamos. Como disse Paul Thompson, entusiasta da história oral, essa “não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada.”⁵³

Gratos a quem chegou até aqui (mas – e novamente – especialmente aos entrevistados), encerramos com a esperança de que (bem) repercuta e que, a partir disso, se possa almejar o Volume II. Ainda, que se possa reforçar a relevância do Núcleo da Diversidade do DCE/Univates percebendo futuras potencialidades.

52 PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História. São Paulo, PUC, nº 14, 1997.

53 THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 22.

Posfácio - 2ª Edição

Em razão de o livro ter se esgotado rapidamente, em reunião da gestão do Diretório Central de Estudantes no dia 25/09/2017, foi concordado que se faria outra tiragem. Ficou acertado, também, que o material seria disponibilizado em *e-book* para ter um alcance maior.

A 2ª edição mantém o conteúdo da primeira na íntegra, sendo a esse material acrescida a entrevista feita com Jardel dos Santos. Quebramos o “acordo interno” de manter o mesmo número de entrevistados para os grupos foco de nosso trabalho. Mas com boa motivação. A inclusão é interessante porque é possível relacionar a fala do entrevistado com o recente debate decorrente da decisão judicial – de caráter liminar – concedida pelo juiz Waldemar Cláudio de Carvalho, da 14ª Vara do Distrito Federal, no dia 15/09/2017.

Não afinada ao posicionamento do Conselho Federal de Psicologia (Resolução 001/1999), essa decisão, segundo o entender de muitos, deixa brechas para que seja possível ofertar a reorientação sexual a indivíduos LGBT. Embora o juiz não mencione a possibilidade de “cura gay”, sua sombra voltou a pairar.

Tentativas de “cura gay” foram registradas ao longo da história (recente). Promovidas por religiosos e/ou profissionais de certas áreas – com aval das ciências até há pouco –, a frustração desses intentos é um dos melhores dados para se compreender que esses “experimentos” resultam em mais sofrimento para a população LGBT ao reafirmarem o desejo não heterossexual como anormal, doentio ou pecaminoso.

Acompanhar as memórias de Jardel dos Santos nos faz refletir esse tema a partir do cotidiano local. Explorar os assuntos com o olhar voltado para a realidade regional foi um de nossos objetivos desde o início, algo claro diante do rol de representações LGBT e negras trazidas à baila.

Finalizando, queremos agradecer pelas boas acolhidas ao material disponibilizado até então (1ª Edição). Esperamos continuar aprendendo juntos.

“Se tivéssemos criado uma cadeira,
uma matéria escolar para falar
sobre o negro, acho que nenhum
negro colocaria bombacha [...].”
Carlos Antônio da Silva

“[... os brancos] tinham feito
um salão de baile. Nem na copa
deixavam entrar. Só [podia] olhar
da rua eles dançar lá dentro.”
Tia Moça

“Eu vi amigos meus assumindo,
apanhando em casa, tendo que
sair, sendo enxotados [...]. O Vale
do Taquari ainda é extremamente
homofóbico [...].”
Rodrigo Mattos

“Se a gente esquece do passado, a
gente esquece quem a gente é.”
Dandara Lima

ISBN 978-85-8167-223-6



9 788581 672236

